



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA OU CLÁSSICA

DIANA YINETH RUEDA CORDERO

**AJUSTES FONÉTICO-FONOLÓGICOS EM EMPRÉSTIMOS DO ESPANHOL NO
GUARANI FALADO NO BRASIL**

Salvador
2023

DIANA YINETH RUEDA CORDERO

**AJUSTES FONÉTICO-FONOLÓGICOS EM EMPRÉSTIMOS DO ESPANHOL NO
GUARANI FALADO NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras Vernáculas, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Espanhol.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ivana Pereira Ivo

Salvador
2023

RESUMO

A realidade de um mundo plurilíngue faz com que comunidades linguísticas transitem, superpondo-se constantemente. Como resultado do processo colonizatório, a língua Guarani, conforme variedades faladas no Brasil (Mbyá, Nhandewa, Kaiowá e Nhandeva), possui em seu léxico um significativo número de empréstimos do espanhol falado no Paraguai. Este trabalho pretende analisar alguns desses empréstimos nas variedades do Guarani falado no Brasil, a partir de dados cedidos de pesquisas registradas em Ivo (2014, 2018). Precisamente, objetiva-se analisar e descrever ajustes fonéticos e transferências fonológicas do Guarani falado no Brasil em dados lexicais do espanhol incorporados em suas variedades. Os dados serão analisados e interpretados à luz do princípio das classes naturais (Hyman, 1975) e da teoria dos traços conforme proposta da escola linguística de Praga (Trubetzkoy ([1939] 1973), Jakobson, 1972). Espera-se que os resultados da pesquisa contribuam com os estudos relacionados ao contato de línguas, em especial, no tocante aos ajustes fonéticos e fonológicos em contextos de contato linguístico.

Palavras-chave: Contato Linguístico, Espanhol, Guarani, Empréstimos Lexicais

RESUMEN

La realidad de un mundo plurilingüe implica que las comunidades lingüísticas transitan, entrelazándose y superponiéndose de manera continua. Como resultado del proceso colonizador, la lengua Guaraní, en sus variedades habladas en Brasil (Mbyá, Nhandewa, Kaiowá y Nhandeva), incorpora en su léxico un significativo número de préstamos del español hablado en Paraguay. Este trabajo tiene como objetivo analizar algunos de estos préstamos en las variedades del guaraní hablado en Brasil, utilizando datos proporcionados por investigaciones registradas en Ivo (2014, 2018). En particular, se busca examinar y describir los ajustes fonéticos y las transferencias fonológicas del Guaraní hablado en Brasil respecto a los datos léxicos del español integrados en sus variedades. Los datos se analizarán e interpretarán a la luz del principio de las clases naturales (Hyman, 1975) y de la teoría de los rasgos, según la propuesta de la escuela lingüística de Praga (Trubetzkoy ([1939] 1973), Jakobson, 1972). Se espera que los resultados de la investigación contribuyan a los estudios relacionados con el contacto de lenguas, especialmente en lo referente a los ajustes fonéticos y fonológicos en contextos de contacto lingüístico.

Palabras clave: Contacto lingüístico, Español, Guaraní, Préstamos Lexicales

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 O CONTATO LINGUÍSTICO GUARANI X ESPANHOL	14
1.1 O Empreendimento Colonizador na América Latina e os Contatos Linguísticos 14	
1.2 Encontros e Alianças: A Interação Complexa entre Espanhóis e Guarani na América do Sul.....	15
1.3 A Coexistência de Línguas no Paraguai: Espanhol, Guarani e Jopará	21
1.4 A Influência das Missões Jesuíticas no Encontro entre os Guarani e os Espanhóis	24
1.5 Conceitos e dinâmicas do contato linguístico e suas manifestações sociais...	25
2 O POVO GUARANI NO BRASIL	28
2.1 Origens e Dispersões: História dos Povos Tupi e Guarani	28
2.2 A Diversidade dos Grupos Guarani no Território Brasileiro.....	30
2.2.1 Avá Katú Eté.....	30
2.2.2 Mbyá	31
2.2.3 Paĩ-Tavyterá / Kaiowá.....	32
3 FONÉTICA DA LÍNGUA GUARANI	34
3.1 Consoantes	34
3.1.1 Oclusivas.....	35
3.1.2 Pré-Nasais e nasais.....	35
3.1.3 Tepe.....	35
3.1.4 Fricativas.....	36
3.1.5 Africadas	36
3.1.6 Labializadas.....	37
3.1.7 Aproximantes	37
3.2 Vogais	40

4	FONOLOGIA DA LÍNGUA GUARANI.....	42
4.1	Consoantes	42
4.1.1	Obstruintes [- estridentes] e [+estridentes]	42
4.1.2	As soantes [- contínuas] e [+ contínuas]	45
4.2	Vogais	52
5	ANÁLISE E DESCRIÇÃO	55
5.1	Empréstimo <i>caballo</i> ‘cavalo’	56
5.2	Empréstimo <i>calzón</i> ‘calça’	57
5.3	Empréstimo <i>camisa</i>	58
5.4	Empréstimo <i>canoa</i>	58
5.5	Empréstimo <i>cuchara</i> ‘colher’	59
5.6	Empréstimo <i>gallo</i> ‘galo’	59
5.7	Empréstimo <i>gorra</i> ‘boné’	60
5.8	Empréstimo <i>hacha</i> ‘machado’	61
5.9	Empréstimo <i>jabón</i> ‘sabão’	61
5.10	Empréstimo <i>melón</i> ‘melão’	62
5.11	Empréstimo <i>naranja</i> ‘laranja’	62
5.12	Empréstimo <i>sandía</i> ‘melancia’	63
5.13	Empréstimo <i>soja</i> ‘soja’	64
5.14	Empréstimo <i>zapato</i> ‘sapato’	64
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS	70

INDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Espectrograma da africada palatal não vozeada [tʃ], na palavra [kã'tʃõ] ‘calça’ (Mbyá/RJ).....	37
Figura 2– aproximante labiodental [ʋɔ'sa] ‘bolsa’ (Nhandeva/MS).....	38
Figura 3 – [ʋɔ'sa] bolsa’ (Nhandeva/MS).....	38
Figura 4 - fricativa labiodental vozeada [v], na palavra ‘vaca’, por um brasileiro.....	39
Figura 5 – forma de onda ampliada da fricativa labiodental vozeada [v]:	39

INDICE DE QUADROS

Quadro 1 – empréstimos lexicais do espanhol no Guarani do Brasil	10
Quadro 2– Fones da Língua Guarani	34
Quadro 3 – vogais da língua Guarani	40
Quadro 4 - Vogais da língua Guarani	40
Quadro 5– Ambientes das Obstruintes [- + estridentes]	43
Quadro 6 – Ambientes das Soantes [-contínuas]	46
Quadro 7 – Ambientes das Soantes [+ contínuas]	48
Quadro 8 – Fonemas Consonantais da língua Guarani (Ivo, 2018).....	51
Quadro 9 – Ambientes das vogais orais Guarani.....	52
Quadro 10 Ambientes das vogais nasais Guarani.....	53
Quadro 11 – Fonemas Vocálicos Orais do Guarani	54
Quadro 12 - Fonemas Vocálicos Nasais do Guarani	54
Quadro 13 – Análise dos Empréstimos.....	66

INTRODUÇÃO

A dinâmica de um mundo plurilíngue evidencia as complexas trocas e ajustes linguísticos entre povos em contato, visando uma comunicação eficaz. Conforme destacado por Calvet (2002), os empréstimos e as transferências linguísticas resultam em desdobramentos diretos, incluindo bilinguismo, diglossia, e uma série de outros fenômenos linguísticos.

O empreendimento colonizador espanhol, permeado por atividades comerciais e estratégias que resultaram na mestiçagem linguística e cultural com a nação Guarani, criou um terreno propício para o surgimento destes fenômenos. Nesses contextos, onde grupos sociais com línguas divergentes se confrontam, surge a necessidade de meios de comunicação compartilhados, tornando esses fenômenos linguísticos alvos de interesse para a Sociolinguística, a Linguística Histórica e áreas afins. Este trabalho, focaliza a análise da situação linguística da língua Guarani falada no Brasil, especialmente os empréstimos do espanhol, buscando identificar, analisar e descrever como a língua Guarani incorporou, interpretou e recontextualizou o léxico do espanhol em sua própria fala.

O estudo das línguas indígenas enfrenta notáveis desafios, especialmente devido à invisibilização dessas línguas, o que resulta em lacunas significativas no conhecimento acerca dos mecanismos de contato linguístico. Essa invisibilização, por parte da academia, e o desconhecimento dos próprios falantes, resultam de fatores ligados a questões históricas e políticas linguísticas que, com frequência, marginalizam as línguas originárias em detrimento das línguas dominantes. O cenário criado por esse contexto se traduz em uma escassez alarmante de pesquisas sobre línguas indígenas no Brasil, gerando uma notável ausência de estudos dedicados ao contato linguístico envolvendo essas comunidades e à descrição de línguas originárias. Adicionalmente, a predominância da visão eurocêntrica na academia ao longo da história tem levado a uma subestimação sistemática da riqueza e a complexidade das línguas indígenas, o que perpetua a suposição equivocada de que as línguas dominantes são intrinsecamente mais valiosas.

Desse modo, o desafio de estudar as línguas indígenas vai além da mera investigação linguística, abrangendo uma necessidade urgente de revisão das políticas linguísticas e um reconhecimento efetivo da importância intrínseca dessas línguas. Esse reconhecimento é crucial não apenas para a preservação das ricas heranças culturais e linguísticas das comunidades indígenas, mas também para promover uma compreensão mais profunda da diversidade linguística e cultural que enriquece a sociedade como um todo.

Por tanto, este estudo visa preencher essas lacunas, explorando a interação linguística entre o Guarani e o espanhol à luz da língua indígena¹, destacando os processos de adaptação, assimilação e preservação das línguas em contato, enquanto promove a valorização das línguas indígenas e suas contribuições linguísticas e culturais.

Adotando uma abordagem qualitativa, embasada na definição deste tipo de pesquisa por Gerhardt e Silveira (2009), este estudo visa analisar minuciosamente o contato entre o espanhol e o Guarani falado no Brasil, buscando uma compreensão aprofundada dessa interação. Classificado como um estudo aplicado, segundo a definição dos mesmos autores, a pesquisa visa gerar conhecimentos para aplicação prática e resolução de problemas específicos.

Para a realização desta análise, dispomos de um *corpus* composto por 14 palavras de origem espanhola presentes no Guarani do Brasil, selecionadas a partir dos dados fornecidos por Ivo (2014 e 2018), que conduziu uma descrição acústico-fonológica das diversas variedades do Guarani no país (quadro 1). Inicialmente, submetemos essas palavras a uma análise, adotando a perspectiva teórica da Fonética, conforme delineada por Barbosa e Madureira (2015), permitindo-nos compreender as características sonoras e fonéticas que as distinguem (PRAAT, 2017). Em seguida, avançamos para uma interpretação à luz do princípio das classes naturais, Hyman (1975) e da teoria dos traços da escola linguística de Praga, cujos fundamentos foram estabelecidos por Trubetzkoy ([1939] 1973) e Jakobson, Fant e Halle (1972).

Esta análise pretende, também, evidenciar os ajustes feitos pela língua Guarani ao incorporar empréstimos lexicais do espanhol, revelando como esses elementos se integram e adaptam às características fonológicas e estruturais da língua. Essa abordagem multifacetada nos permitirá desvendar não apenas as dimensões fonéticas, mas também as estratégias de adaptação linguística que permeiam esse conjunto de palavras, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e profunda de sua natureza linguística no contexto Guarani.

¹ Quando propomos o estudo do contato entre o espanhol e o Guarani, à luz da língua indígena, estamos nos referindo a estudos que priorizam a análise exclusivamente à luz da língua europeia mostrando, por exemplo, elementos que “faltam” às línguas indígenas.

Quadro 1 – empréstimos lexicais do espanhol no Guarani do Brasil²

Empréstimo lexical do espanhol	Mbyá	Nhandewa	Nhandeva	Kaiowá	Português
Caballo	[kava'dʒu]	[kava'ru]	[kava'dʒu]	[kava'dʒu]	cavalo
Calzón	[kã'tʃõ]	-	[kã'sõ]	[kã'sõ]	calça
Camisa	[kãmĩ'tsã]	[kãmĩ'tsã]	[kãmĩ'sã] [kãmbi'sa]	[kãmĩ'sã] [kãmbi'sa]	camisa
Canoa	[kanõ'ã]	-	[kanõ'ã]	-	canoa
Cuchara	[ku'tʃa]	[ku'tʃa]	[ku'fara]	[ku'fara]	colher
Gallo	[gãdʒu]	-	[gãdʒu]	-	galo
Gorra	[ŋgõ'ra]	[ŋgõ'ra]	-	-	boné
Hacha	[ha'tsa], [a'tsa]	[a'tʃa]	['hafa]	-	machado
Jabón	[ka'võ]	[tsã'võ]	[ka'võ] [xa'võ]	[ka'võ] [xa'võ]	sabão
Melón	[me'rõ]	-	-	[me'rõ]	melão
Naranja	[na'rã]	[na'rã]	[na'rãxa]	[na'rãxa]	laranja
Sandía	[tsã'ndʒaw]	[tsã'ndi'a]	-	[sã'ndia]	melancia
Soja	-	-	['soxa]	['soxa]	soja
Zapato	[tsapa'tu]	[tsapa'tu]	-	-	sapato

Fonte: adaptado de Ivo (2018)

Os objetivos desta pesquisa são principalmente descritivos, uma vez que têm como propósito a elaboração de uma descrição detalhada da atual realidade de uso da língua Guarani no que diz respeito à incorporação dos empréstimos lexicais do espanhol falado no Paraguai. Além disso, a pesquisa é também explicativa, conforme definido por Gerhardt e Silveira (2009), pois visa identificar e explicar os fatores subjacentes que contribuem para os fenômenos

² Os espaços vazios (representados com um traço) indicam que os dados não foram produzidos pelos participantes da pesquisa quando afirmavam não desconhecer o termo ou em casos nos quais os dados foram descartados pela pesquisadora, como casos com produções com ruído. Para mais informações sobre a metodologia (cf. Ivo, 2018).

estudados. Essa abordagem permite entender o porquê de certas situações linguísticas ocorrerem, baseando-se nos resultados obtidos.

Ao analisarmos línguas naturais, independentemente do enfoque adotado, é notável, no ambiente universitário, uma inclinação em direção às línguas europeias e modernas. Há uma escassez de pesquisadores latino-americanos não indígenas dedicados ao estudo das línguas dos povos originários, e a presença de pesquisadores indígenas nas universidades é ainda mais reduzida.

Conforme destaca Dussel (1994), as correntes modernistas e pós-modernistas propagam a ideia de que os avanços científicos, culturais, tecnológicos e epistemológicos beneficiam igualmente todas as camadas da sociedade. No entanto, o que ocorre na prática é o desequilíbrio no desenvolvimento, perpetuando um projeto de vida colonialista e extrativista pelo homem branco dominante. Isso prejudica diretamente os povos e culturas que não se enquadram no modelo eurocentrista, especialmente os povos indígenas.

No âmbito acadêmico, observa-se uma priorização do modelo eurocêntrico em detrimento de outras perspectivas. A língua, cultura, pesquisas e avanços tecnológicos do europeu são estudados e utilizados, enquanto, paradoxalmente, não se pode escapar completamente desse modelo, mesmo ao conduzir uma investigação. No entanto, é crucial realizar tal estudo com consciência, reconhecendo a imensa relevância do estudo das línguas indígenas, especialmente considerando o contexto socioeconômico atual do Brasil e do mundo.

Os governos em alguns países latino-americanos têm adotado seriamente o projeto "modernista", resultando na aniquilação dos povos originários. Comunidades inteiras continuam sendo dizimadas em nome do "progresso", levando à perda irreparável das línguas, expressões culturais e costumes religiosos desses povos.

Diante da lacuna no ensino e estudo das línguas dos povos originários, é imperativo dar visibilidade às línguas indígenas, como o Guaraní falado no Brasil. Portanto, propõe-se realizar um estudo linguístico descritivo dos empréstimos do espanhol no Guaraní falado no Brasil, com o objetivo de apresentar uma análise fonética, fonológica e morfossintática desses empréstimos.

Como pesquisadoras latino-americanas, não indígenas, nos motiva o fato de ir em contraposição ao extrativismo cultural e epistemológico que tem apagado por séculos a história dos povos indígenas, fugindo dos temas cotidianos das pesquisas acadêmicas na área de Letras e procurando contribuir na visibilidade do Guaraní falado no Brasil e na América Latina. Vale ressaltar que o Guaraní é uma das línguas oficiais do Paraguai e é falado em outros países da região, como Argentina e Bolívia, representando assim uma grande população linguística.

Dados do mapa Guarani Retã 2008 e Grünberg (2012), indicam uma população Guarani estimada em 100.000 pessoas na região abrangida pelo mapa, incluindo o sul de Mato Grosso do Sul, a região oriental do Paraguai e a província de Misiones na Argentina. Atualizações mais recentes, como as do Isa (2017), revelam a distribuição da população Guarani em países como Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil:

[...] el número total de los asentamientos, incluyendo —reservas indígenas, —colônias indígenas, —comunidades (tekoha), núcleos familiares con residencia diferenciada, barrios urbanos indígenas y campamentos precarios de grupos desalojados es mayor de lo estimado previamente y supera los 500 lugares con una población total de más de 100.000 Guarani solamente en el área previsto para el mapa, que abarca el sur de Mato Grosso do Sul, la región oriental del Paraguai y la provincia de Misiones en Argentina. (Grünberg, 2012)

Dados mais atualizados, como os do Instituto Sócio Ambiental - ISA (2017), que toma como fonte o Mapa Guarani Continental, demonstram que a população Guarani se distribui da seguinte forma:

Argentina	54.825	(2016)
Bolívia	83.019	(2016)
Paraguai	61.701	(2016)
Brasil	85.255	(2016) ³

Como se vê, trata-se de uma língua falada em diferentes partes da América Latina, deixando, sem dúvidas, importantes contribuições a esta área plurilíngue.

Para o desenvolvimento do trabalho, apresentaremos a temática proposta distribuída nas seguintes sessões: (01) **O contato linguístico Guarani x Espanhol**: breve visão da história do contato entre o povo Guarani e os colonizadores, a situação linguística do Paraguai, onde a fusão com o Guarani propiciou a preservação dessa língua e deu origem a uma terceira língua, o *Jopará* (Melià, 2013). (02) **A língua Guarani**: breve história da língua Guarani na América Latina e suas parciaisidades. (03) **A fonética da língua Guarani**: análise fonética do Guarani falado no Brasil (Ivo, 2018), (04) **A fonologia da língua Guarani**: análise fonológica da língua Guarani (Ivo, 2018), com base nos estudos e proposições da escola de linguística de Praga

³ No Brasil, a língua Guarani é falada nos Estados do Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Tocantins e Pará.

Jakobson ([1932] 1972), destacando, sobretudo, o princípio das oposições fonológicas e a teoria de traços distintivos Jakobson, Fant e Halle (1952), além do princípio de classes naturais Hyman (1975), (05) **Análise e descrição**: análise dos empréstimos do espanhol presentes na língua Guarani falada no Brasil, (06) **Considerações Finais**.

1 O CONTATO LINGUÍSTICO GUARANI X ESPANHOL

1.1 O Empreendimento Colonizador na América Latina e os Contatos Linguísticos

Na América Latina, ou Abya Yala⁴, o empreendimento colonizador teve seu início no final do século XV, quando as potências europeias da época – principalmente Espanha e Portugal - deram início às expedições marítimas, pela iniciativa das Coroas, de particulares e de missionários, em busca de novas saídas comerciais, da expansão de seu território e poderio e da difusão da fé cristã (Kallfell, 2016).

Sob a premissa do pensamento eurocentrista, que enxerga a cultura e a civilização europeia como superiores a todas as outras culturas e civilizações do mundo, espanhóis e portugueses não hesitaram em impor suas epistemologias, suas línguas e crenças religiosas, apagando e exterminando as dos povos indígenas em prol de um progresso que somente beneficiaria a um dos envolvidos na história. De acordo com Dussel em seu livro 1942, "El Encubrimiento del Otro":

La Modernidad se originó en las ciudades europeas medievales, libres, centros de enorme creatividad. Pero "nació" cuando Europa pudo confrontarse con "el Otro" y controlarlo, vencerlo, violentarlo; cuando pudo definirse como un "ego" descubridor, conquistador, colonizador de la Alteridad constitutiva de la misma Modernidad. De todas maneras, ese Otro no fue "descubierto" como Otro, sino que fue "encubierto" como "lo Mismo" que Europa ya era desde siempre (Dussel, 1994, p. 8).

A ocupação do território latino-americano pelos espanhóis se desdobra em três momentos cruciais. Inicialmente, liderados por Cristóvão Colombo, os exploradores espanhóis chegaram às ilhas do Caribe em 1492, lançando as bases para uma expansão acelerada por todo o continente americano. Num segundo estágio, sua influência se intensificou ao conquistar os impérios Asteca e Maia no México, deixando uma marca na história dessas civilizações. No terceiro e culminante momento, avançaram nos domínios do Reino Inca e penetraram no vasto território de La Plata, solidificando o domínio espanhol na região (Kallfell, 2016). Esses três episódios interligados compõem um retrato complexo da história da América Latina, marcado pela influência colonizadora violenta. Além de redefinir o panorama político e cultural, a

⁴ La elección de este nombre, que significa 'tierra en plena madurez', para denominar al continente americano fue sugerida por el líder aymará Takir Mamani, quien propone que todos los indígenas lo utilicen en sus documentos y declaraciones orales. 'Llamar con un nombre extranjero nuestras ciudades, pueblos y continentes', argumenta, 'equivale a someter nuestra identidad a la voluntad de nuestros invasores y a la de sus herederos. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/10O0avUggnY0Ww_rg35TSf11xgsEjmqPaJycYdq4pq2o/edit. Acesso em: 22 ago. 2023.

colonização espanhola e portuguesa também marcou o início de um profundo contato linguístico na região.

Em alguns locais, as línguas nativas já existentes se mesclaram com as dos colonizadores, dando origem a uma fusão rica que moldou as identidades culturais e formou a base das nações latino-americanas. Dessa maneira, a colonização desempenhou um papel crucial na configuração das línguas e culturas que hoje definem a América Latina. Na seção a seguir, descreveremos brevemente como o empreendimento colonizador europeu chegou às Américas.

1.2 Encontros e Alianças: A Interação Complexa entre Espanhóis e Guarani na América do Sul

Na América do Sul, a rivalidade entre Espanha e Portugal pela supremacia colonial foi impulsionada pelo extrativismo, com a Espanha buscando minas de prata para competir diretamente com Portugal que inicialmente mantinha um império colonial restrito ao comércio de especiarias nas Índias. A Espanha estabeleceu uma política de colonização na região do Rio da Prata e no sul do território brasileiro, respeitando o Tratado de Tordesilhas assinado em 7 de junho de 1494 por ambas as potências europeias, que dividia as terras "descobertas" durante as explorações (Müller, 2012).

As expedições de exploração no oceano Atlântico tiveram início no século XV, com Portugal desempenhando um papel pioneiro nesse processo. A abordagem das expedições portuguesas concentrou-se na exploração do litoral africano, visando estabelecer uma rota para a Índia e promover o comércio de especiarias. Essa busca resultou em descobertas significativas, destacando-se ilhas como Açores, Madeira e Cabo Verde, anteriormente desconhecidas pelos europeus. As chamadas "descobertas", mais precisamente invasões, realizadas por Portugal foram tão marcantes que demandaram estratégias para proteger os investimentos nessas viagens.

Diante desse cenário, os portugueses se viram forçados a assinar o Tratado de Tordesilhas com a Espanha. Esse acordo estabeleceu uma linha imaginária a 370 léguas de Cabo Verde, delineando as esferas de influência de cada nação. As terras a oeste desse meridiano foram designadas à Espanha, enquanto as terras a leste foram reservadas a Portugal (Gadelha, 1980).

Os territórios ao sul da América do Sul foram inicialmente explorados pelos espanhóis. Ao aventurarem-se pelo cobiçado território e percorrerem o Rio Paraguai em direção à Serra da

Prata, depararam-se com diferentes grupos Guarani⁵ em diversas localidades, revelando nuances dialetais e diferenças culturais entre eles (Melià, 1992).

Para compreendermos a história do encontro entre os Guarani e os espanhóis, é necessário retroceder vários séculos no passado, a fim de explorar os principais personagens, o contexto e os eventos que culminaram no surgimento e evolução dessa interação linguística. Ivo (2018) descreve essa empreitada como desafiadora, uma vez que, embora existam registros que abordem o contato entre os povos nativos e os espanhóis, como os relatos de exploradores e as correspondências redigidas pelos missionários jesuítas, as informações disponíveis são escassas e fragmentadas, deixando uma lacuna substancial na reconstrução da história dos povos indígenas do Brasil. A autora também ressalta a necessidade de abordar esses documentos com cautela, dada a predominância da perspectiva do colonizador estrangeiro que permeia tais relatos.

Ivo (2018) explica que os historiadores afirmam que a expansão espanhola alcançou a região atualmente conhecida como "Rio de la Plata" em 1516, liderada pelo explorador espanhol Juan Diaz de Solis. Seu objetivo inicial era encontrar rotas marítimas para as Índias Orientais, onde as valiosas especiarias despertavam o interesse da coroa espanhola. No entanto, devido a conflitos políticos com Portugal e às fortes correntes da área navegada, a rota foi desviada, levando Solis a chegar ao Rio da Prata. Segundo Gadelha (1980), pouco após sua chegada, ele e outros membros da expedição teriam sido mortos por grupos indígenas, possivelmente os Charruas ou os Guaranis.

Segundo a autora, a morte de Solis não marcou o fim do esforço espanhol na região. Segundo os Gadelha *1980), em 1524, o português Aleixo Garcia, um sobrevivente do grupo que acompanhava Solis, teria ultrapassado as fronteiras do Império Inca, tornando-se o primeiro europeu a entrar em contato com essa civilização, e explorou o território paraguaio. Em 1526, Garcia Jofre de Loayza continuou a exploração na "Tierra del Fuego" e alcançou o ponto de confluência entre os oceanos Atlântico e Pacífico ao seguir o trajeto do Estreito de Magalhães, que havia sido descoberto seis anos antes por Fernando de Magalhães. No mesmo ano de 1526, durante uma expedição às Molucas, Sebastião Caboto e Diego Garcia de Moguer chegaram às costas brasileiras em busca de provisões e encontraram os destroços da expedição de Solis.

⁵ Neste trabalho, adotamos as normas propostas pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA, 1957), que dispensa as flexões de gênero e número nos etnônimos. Utilizaremos a letra maiúscula no início da palavra que denomina a etnia.

Com base nas informações fornecidas pelos sobreviventes, decidiram explorar o estuário do Rio da Prata e navegar pelos rios Paraná-Guaçu e Paraguai. Após retornarem à Espanha, Caboto apresentou ao rei peças de prata obtidas dos Guarani durante suas expedições, confirmando as riquezas da região e fornecendo um motivo para financiar uma nova empreitada exploratória Guarani.

Ivo (2018) explica, ainda, que no ano de 1535, Pedro de Mendoza chegou ao território do Rio da Prata acompanhado por um grande contingente de soldados espanhóis, com o propósito de estabelecer uma presença militar na região. Ele construiu um porto, que seria protegido por dois fortes rudimentares feitos de taipa, ao qual deu o nome de Santa Maria del Buen Ayre, em homenagem à Virgem dos Marinheiros. Inicialmente, Mendoza estabeleceu contato com os indígenas locais e tentou manter uma relação pacífica através de trocas de alimentos. Os nativos forneceram carne e peixe aos estrangeiros, mas quando os suprimentos começaram a escassear, os espanhóis tentaram subjugar os indígenas, que resistiram e conseguiram escapar.

Juan de Ayolas, ajudante de Mendoza, seguindo as instruções deste último, liderou uma expedição de exploração pelos rios Paraná e Paraguai, construindo mais fortificações ao longo do caminho. Durante essa jornada, Ayolas teria encontrado os Guarani-Cário, com os quais estabeleceu alianças estratégicas que desempenhariam um papel crucial na fundação da cidade de Assunção, no Paraguai que, de acordo com Gadelha (1980), seria, mais tarde, o epicentro da expansão espanhola na região.

A aliança estratégica "cuñadazgo" entre os Guarani-Cário e os colonizadores espanhóis, forneceu armas e ferramentas agrícolas para os indígenas e propiciou a permanência dos espanhóis na região. Após a morte de Ayolas, Irala assumiu a liderança em Assunção, consolidando-se como chefe, iniciando o estabelecimento de vilas e assentamentos espanhóis. A aliança influenciou o desenvolvimento sociocultural do Paraguai, estimulando a mestiçagem e permitindo a fixação de colonos brancos na região.

No século XVI, Assunção do Paraguai, originalmente abrangendo áreas que hoje constituem o Paraguai, Argentina, Uruguai e partes do sul do Brasil, tornou-se o centro do governo espanhol. Gadelha (1980) destaca que, entre os séculos XVI e XVIII, a província do Paraguai controlava uma área territorial muito maior do que atualmente. Suas fronteiras ao norte chegavam à Capitania de São Vicente, a leste pelo Oceano Atlântico, ao sul pelo Rio da Prata e a oeste pela província de Tucumán. Santa Cruz de la Sierra, fundada por Nuño de Chaves em 1560, situava-se acima da província do Paraguai e posteriormente tornou-se uma província

separada. O Paraguai exercia autoridade sobre territórios que hoje compreendem parte dos estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e uma porção do sul de Mato Grosso (antiga província de Itatim, agora no Pantanal Mato-grossense).

No caso específico do povo Guarani, segundo Monteiro (1992), é equivocado considerá-los simples vítimas indefesas, uma representação comum nos livros de história. Na realidade, eles desenvolveram estratégias próprias para não apenas sobreviver, mas também para continuamente recriar sua identidade e seu modo de ser, diante de circunstâncias cada vez mais desafiadoras. O autor ressalta que a historiografia frequentemente relegou o indígena a um papel secundário ou de vítima passiva nos processos coloniais, negligenciando a importância da presença e participação dos Guarani nos diversos eventos que transformaram a geografia humana em uma vasta região. De acordo com Monteiro, no início do empreendimento colonizador no Paraguai, os espanhóis procuraram estabelecer alianças com os grupos locais.

As alianças criaram cenário de mestiçagem que levou à fusão da língua Guarani com o espanhol no Paraguai, culminando no surgimento do *Jopará*. É fundamental notar que o significado dessas alianças variava para cada uma das nações envolvidas. Enquanto para os espanhóis representava uma oportunidade de dominação sobre os Guarani, para esses últimos, significava ter aliados em tempos de conflito contra seus adversários tradicionais. Isso ressalta que os Guarani e outros povos indígenas não foram, como frequentemente retratados na história, meras vítimas passivas e submissas ou seguidores obedientes dos missionários jesuítas. Na verdade, de acordo com Monteiro (1992), eles desenvolveram estratégias cuidadosas que garantiram sua sobrevivência física e a preservação de sua identidade.

As alianças tinham quatro objetivos: mobilizar guerreiros, apropriar-se de excedentes agrícolas para o consumo dos espanhóis, estabelecer núcleos de povoamento espanhol (por meio do *cuñadazgo*) e explorar o trabalho indígena (por meio do sistema das encomendas). De acordo com Monteiro (1992), as *encomiendas* eram uma instituição da coroa espanhola que, ao longo do tempo, tornou-se altamente lucrativa para os colonos devido ao serviço pessoal prestado pelos Guarani aos espanhóis ou *encomenderos*. Apesar de que a coroa proibiu formalmente o serviço compulsório dos indígenas, como descrito no trecho abreviado seguinte de Astrain (1995), retirado das Leis das Índias, livro VI, título 2º, lei 1º (Edição Madrid 1791), essa legislação, segundo Astrain (1995, p. 66), destaca as obrigações estabelecidas por Carlos V.

Mandamos, dice, qye ningún adelantado, gobernador, capitan...sea osado de cautivar índios naturales de nuestras índias, islas y tierra firme...ni tenerlos por

esclavos... Y asimismo mandamos que ninguna persona, en guerra ni fuera de ella, pueda tomar, aprehender, ni ocupar, vender ni cambiar por esclavo a ningún indio, ni tenerle por tal con título de que le hubo en guerra justa, ni por compra, rescate, trueque o cambio no otro alguno, aunque sea de los indios que los mismos naturales tenían, tienen o tuvieren entre sí por esclavos. Pena de que si alguno fuere hallado que cautivó o tiene por esclavo algún indio, incurra en perdimiento de todos sus bienes, aplicados a nuestra cámara y fisco.

A Espanha já vinha empregando mão de obra escrava africana, e de acordo com Astrain (1995), fazia algumas exceções em relação aos povos indígenas. Por exemplo, as tribos Caribes e Guaicurus, que haviam causado "danos terríveis" aos espanhóis, foram escravizadas como punição por esses atos, com autorização da coroa espanhola. No sistema das "encomiendas", havia duas formas de serviço por parte dos Guarani: a mita e o yanacato. Na primeira, ocorria a prestação de tributos por parte dos indígenas, enquanto na segunda prestavam serviços.

Os indígenas que deixavam suas tribos para viver nas propriedades dos espanhóis e servi-los eram conhecidos como yanacatas. Eles eram considerados "livres" do ponto de vista jurídico e passavam a ser considerados súditos reais. Como resultado, estavam sujeitos à supervisão, doutrinação e "proteção" da coroa espanhola. Nessas condições, os indígenas eram concedidos aos colonos espanhóis na forma de "encomiendas" por um período específico, uma vez que essas encomiendas não possuíam caráter hereditário (Gadelha, 1980).

Assim como os encomendeiros tinham suas obrigações, os Guarani também possuíam as suas. Eles eram obrigados a pagar tributos à coroa espanhola, porém, dada a falta de recursos monetários, o trabalho braçal foi imposto como forma de tributo. Esse trabalho abrangia diversas atividades, incluindo o cultivo dos campos, o transporte de produtos e a construção de edifícios, entre outras tarefas que os espanhóis consideravam adequadas para os indígenas.

Nas palavras de Gadelha (1980, p. 98-99):

Se, por um lado, os conquistadores se valeram da organização econômica e social dos Cário, aceitando suas mulheres, que além de desempenharem o papel de esposas e procriadoras, eram também servas, os Cário também receberam apoio e ajuda para as guerras com outros povos.

No entanto, é claro que a expansão das iniciativas espanholas foi aquela que colheu os maiores benefícios das alianças com o povo Guarani-Cário, sempre obtendo a fatia de maior proporção do "bolo". De acordo com o relato de Gadelha (1980), o cronista alemão Ulrico Schmidl testemunhou como os Cário, após tentativas infrutíferas de resistir aos ataques dos colonos, buscaram o General Juan de Ayolas em busca de redenção. Como gesto de

reconciliação, eles ofereceram mulheres e provisões. Schmidl descreve que os Guarani resistiram aos ataques do exército espanhol por quase dois dias, mas, ao perceberem a vulnerabilidade de suas famílias e a iminente ameaça, optaram por se render. Buscaram perdão junto ao General e se dispuseram a atender aos desejos dos espanhóis. De maneira amigável, o General Ayolas aceitou os presentes dos nativos:

[...] seis mujeres, la mayor era de dieciocho años de edad; también le hicieron un presente de unos nueve venados y otra de monte. Además nos pidieron que permaneciéramos con ellos, y dieron a cada gente de guerra u hombre dos mujeres para que cuidaran de nosotros, cocinaran, lavaran y atendieran en otras cosas más de las que uno en aquel tiempo ha necesitado. También nos dieron sustento de comida, de la que nosotros tuvimos necesidad en esta ocasión (Gadelha, 1980, p. 98).

Este relato nos proporciona um vislumbre dos acontecimentos que levaram à fundação da cidade de Assunção, assim como a implementação inicial da estratégia do *cuñadazgo*. Por outro lado, como mencionado anteriormente, os Guarani se beneficiaram do *cuñadazgo* ao receber armas e aliados para se protegerem de tribos inimigas que representavam uma ameaça constante, devido à ausência de uma tradição guerreira entre eles. Além disso, por meio de presentes ou trocas comerciais, eles adquiriram itens valiosos de origem estrangeira, como artefatos de ferro, espelhos e outras "bugigangas" (Monteiro, 1992).

Gadelha (1980) ressalta que os filhos mestiços nascidos do *cuñadazgo* frequentemente eram reconhecidos por seus pais. Durante o primeiro século da colonização, esses mestiços conseguiram conquistar um lugar reconhecido na sociedade. Muitos deles adotaram tradições espanholas e, em alguns casos, até repudiavam aspectos da cultura Guarani, incluindo suas próprias mães. Gadelha expressa essa dinâmica da seguinte maneira:

A intensa mestiçagem, resultante desta aliança, teve enormes consequências na formação da sociedade paraguaia. O mestiço frequentemente era reconhecido por seu pai e, ao menos no primeiro século da colonização, era altamente considerado no seio da sociedade. [...] o mestiço se tornaria poderoso aliado da linhagem paterna, adotando seus costumes e se identificando com os valores espanhóis na tentativa de se tornar um deles. Assim, amiúde desprezava sua origem materna (Gadelha, 1980, p. 100).

Até este ponto, é evidente que a incorporação dos espanhóis no tecido familiar dos Guarani desencadeou mudanças profundas na estrutura e na cultura desse povo. No entanto, o evento mais impactante decorrente desse encontro foi a emergência de gerações mestiças e bilíngues, cujo desenvolvimento viria a moldar a sociedade paraguaia. Como desdobramento

natural desse processo de mistura, uma língua completamente nova nasceu, resultante da fusão do espanhol com o Guaraní. Essa língua é o *Jopará*, que atualmente assume o status de língua oficial no Paraguai e da que falaremos na seguinte seção.

1.3 A Coexistência de Línguas no Paraguai: Espanhol, Guaraní e Jopará

A dinâmica de bilinguismo entre o espanhol e o Guaraní perdura até os dias atuais no Paraguai. Palacios (2005) afirma que o Paraguai se destaca como um caso singular de pluriculturalismo e multilinguismo em comparação com outras nações que viram suas línguas nativas e seus falantes desaparecerem durante o processo colonizador.

Do ponto de vista histórico, somente no final do século XVIII o Paraguai pode ser caracterizado como uma nação bilíngue. De acordo com Palacios (2005), antes desse período, a nação paraguaia era monolíngue em língua indígena, sendo o Guaraní a língua escolhida para a comunicação, presente não apenas nos registros formais, mas também nas interações coloquiais, no cotidiano e nos hábitos tanto da população indígena quanto da não indígena. No entanto, a transição para o século XIX trouxe consigo mudanças socioculturais significativas: a consolidação de um segmento minoritário da população, porém dotado de grande prestígio social, político e econômico, que era monolíngue em espanhol e de origem peninsular. Essa mudança nas condições sociológicas da população paraguaia levou a uma fusão de valores e normas da Espanha, ao mesmo tempo em que se conservaram algumas características culturais e linguísticas nativas. Essa intersecção cultural deixou suas marcas na configuração linguística do Paraguai.

De acordo com Palacios (2005), a influência desse reduzido segmento da população, que era monolíngue em espanhol e detinha posição de destaque na elite social, provocou a expansão do uso do castelhano. Isso, por sua vez, levou a um notável aumento na população bilíngue, impulsionado pelos meios de comunicação, instituições políticas e educativas.

Esta evidente influencia do espanhol no Guaraní durante séculos de convivência, deu lugar à variedade de Guaraní chamado Guaraní paraguaio, Guaraní "criollo" ou Guaraní Yopará: "variedad de la sociedad criolla bilingüe y monolingüe paraguayana, pero también la variedad que utilizan muchas comunidades indígenas en sus relaciones con la sociedad criolla," (Palacios (2005, p. 38).

O termo Jopara ou Yopará se refere a uma mestiçagem linguística instável. Devido a essa natureza, definições, descrições e opiniões a seu respeito também são instáveis e variadas. Dentre elas, merecem destaque aquelas apresentadas por Moringo (1959), conforme citado por

Boidin (2005), que descreve o Jopará como "um espanhol falado em Guarani, já que sua estrutura linguística fundamental é completamente misturada"; a análise feita por Tovar (1982), também mencionado por Boidin (2005), analisa o Jopará como uma língua de transição para falantes de Guarani que estão aprendendo o espanhol paraguaio. A definição de Granda (1994) o caracteriza como "um Guarani muito influenciado pelo espanhol ou um espanhol profundamente permeado pelo Guarani". Por último, mas não menos importante, destaca-se a descrição feita pelo MEC, conforme citada por Boidin (2005).

La percepción de los hablantes, recogida en la investigación, refleja la idea de un discontinuum en el que prevalece una brecha entre los extremos ideales (castellano y Guarani) y una amplia franja en la que se inscribe el yopará, que se halla claramente definido sólo en el centro (...) Mientras el yopará, en la amplitud del término, es utilizado para nombrar todo tipo de mixtura (ya sea mezcla o combinación) dentro del fenómeno lingüístico, cuando se lo aplica en un sentido más limitado indica un tipo particular de mixtura, que es reconocido como el Guarani « común y corriente » o cotidiano. El yopará, en esta acepción, implica el predominio del Guarani sobre el castellano, tanto estructuralmente como en el léxico, y casi para un cuarto de los hablantes consultados constituye en sí una tercera lengua, al lado del castellano y el Guarani» (MEC 2001: 191 apud Boidin, 2005)

Conforme evidenciado pelas definições dos autores citados, é perceptível que todas elas apresentam termos que refletem desconforto e inquietação em relação à singularidade dessa língua, a qual não se enquadra nas categorias oficialmente estabelecidas:

Inestable, bastarda, lengua con muchos nuevos hispanismos, tercera lengua que debería llamarse guarañol, lengua heterogénea, lenguas mutuamente interferidas y penetradas, mezcla de lenguas, lengua suburbana y rural, lengua hispanoGuarani, castellano pronunciado en Guarani, Guarani pronunciado en castellano (Boidin, 2005, p. 191).

Entretanto, buscar uma descrição exata, rígida ou precisa do que é o *Jopará* equivale a negar sua própria natureza mestiça. Boidin (2005) formula questionamentos reveladores: "*¿Qué quiere decir para los campesinos definirse como un pueblo de habla mestizo, es decir, según sus palabras, que habla jopara (pronunciar yopara)? ¿Qué significa cuando dicen hablar jopara? y ¿Qué es el jopara?*" O autor reconhece que o estudo do Jopará tem suscitado essas e muitas outras indagações, contudo, muitas delas permanecem sem resposta devido à carência de estudos in loco sobre o tema.

Com base nas investigações de Thun (2002-2005), Boidin (2005) chega à conclusão de que o termo *Jopará* pode ser atribuído ao processo de alternância e convergência linguística

entre dois códigos em níveis morfossintáticos, resultando no *Jopará* em um lado e no espanhol *Jopará* no outro. Nessa dicotomia, entram em cena o espanhol paraguaio e o Guarani paraguaio. Este último difere do *Jopará* pelo fato de não ser percebido pelos falantes como uma língua mestiça, ao contrário do segundo, que é interpretado por eles como uma forma mestiça da língua Guarani paraguaia.

Acerca do *Jopará*, conhecido também como Guarani paraguaio, Melià (2013) ressalta que essa língua não é nem o Guarani indígena nem o Guarani jesuítico. É uma língua distinta, entrelaçada com marcas da língua espanhola em diversos aspectos, como na sintaxe, morfologia e fonologia. Entretanto, essa terceira língua no Paraguai não tem recebido a atenção adequada, muitas vezes sendo rejeitada e rotulada como uma mescla impura. Alguns estudiosos, sem intenções pejorativas, se referem a ela como "guarañol".

O autor destaca que, devido à sua natureza híbrida, é difícil determinar a proporção exata de influência do espanhol e do Guarani no *Jopará*. Isso ocorre porque os elementos linguísticos provenientes das duas línguas não seguem um padrão simétrico, mas variam de acordo com o contexto e o assunto abordado. Durante o período colonial, a imposição do catolicismo resultou na alteração do discurso dos indígenas Guarani, que deixaram de falar sobre sua própria religião. Consequentemente, muitos termos em Guarani usados em rituais religiosos perderam relevância, enquanto o catolicismo introduziu novos vocábulos que gradualmente se incorporaram à língua.

De acordo com Melià (2013), o uso do espanhol como uma realidade cultural paralela ao Guarani resultou na incorporação de novos vocábulos para lidar com situações específicas da nova sociedade. Essa prática persiste atualmente, visto que a chamada "terceira língua", conforme Melià (2013), está cada vez mais influenciada pelo espanhol. Isso ocorre à medida que mais falantes deixam de usar exclusivamente o Guarani mais rural e coloquial (onde há menos influência do espanhol) para se inserirem em uma sociedade moderna e desconhecida, o que os obriga a empregar novos termos encontrados somente no espanhol. Além dos empréstimos lexicais do espanhol, o *Jopará* também sofre ajustes em sua morfologia, sintaxe e fonologia – sendo esta última a área de enfoque desta pesquisa.

Ao longo dos anos, as línguas indígenas da América Latina têm sido subestimadas e invisibilizadas de diversas maneiras. Isso se deve à crença equivocada de que os povos indígenas são relíquias do passado ou à noção generalizada de que países sul-americanos como Paraguai, Peru, Equador e Brasil são monolíngues. A investigação da formação de uma língua

que combina elementos de uma língua europeia e uma indígena é relevante por si só, pois contribui para a visibilidade da língua Guarani, falada em vários países da América Latina.

Frequentemente, a cultura indígena é representada de forma folclórica e fantasiosa, contribuindo para sua invisibilidade. Ao marginalizar suas identidades étnicas, também silenciam suas vozes e suas línguas caem no esquecimento geral. Portanto, este estudo busca inicialmente dar visibilidade às línguas indígenas, com destaque para o *Jopará* no Paraguai, e também enfrentar o preconceito e a marginalização que afetam as línguas indígenas de maneira ampla.

Em suma, a trajetória histórica e linguística delineada revela a complexidade e a riqueza das relações entre as línguas e as culturas no Paraguai. A persistência do bilinguismo entre o espanhol e o Guarani, aliada à emergência do *Jopará* como uma ‘terceira língua’, demonstra como as influências e os ajustes linguísticos espelham os contextos sociais, políticos e culturais ao longo do tempo. Essa dinâmica, por vezes marcada por alianças e por desafios de interpretação, enriquece não apenas a compreensão linguística, mas também o entendimento das sociedades que moldaram essas línguas híbridas.

1.4 A Influência das Missões Jesuíticas no Encontro entre os Guarani e os Espanhóis

Outro elemento crucial no encontro entre os Guarani e os espanhóis foi a criação das missões jesuíticas. Gutierrez (1987) explica que a Companhia de Jesus, fundada no século XV por Inácio de Loyola, trouxe uma nova fase de renovação nos métodos de evangelização e transmissão da fé católica, em resposta à Reforma Protestante. Os jesuítas vieram inicialmente para o Peru em 1576, onde desenvolveram o modelo de evangelização chamado "missão", o qual abrangia nativos não evangelizados e centros urbanos ocupados pelos espanhóis. No entanto, a crise no Peru, devido à exploração dos nativos e à fraqueza das ordens religiosas, levou o Vice-rei Francisco de Toledo a organizar reduções para catequizar e conquistar territórios (Gadelha, 1980).

As reduções, organizadas no Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil, abrigaram parcialidades Guarani e povos de outras etnias. Segundo Melià e Nagel (1995, apud Silva 2011), os Jesuítas criaram mais de 40 reduções entre os Guarani de 1609 a 1634, e algumas dezenas mais nos anos seguintes. O avanço das bandeiras paulistas durante a década de 1630 forçaram a migração dos reduzidos grupos Guairá e Tape para a província do Uruguai e Paraná, levando a uma nova configuração territorial. As reduções promoveram um intenso contato linguístico e cultural, no entanto, a despeito da previsível variedade linguística e cultural nas Reduções, o

Guarani era a língua comum (ou franca) entre os diferentes povos. Schaden (1974) e Monteiro (1992) falam sobre uma relativa unidade cultural e linguística entre os grupos Guarani, embora houvesse diversidades regionais.

Atualmente, a língua Guarani, classificada pelos estudos linguísticos como integrante da família Linguística Tupi-Guarani, é falada no leste da Bolívia (Guarani do Chaco ou Chiriguano, Tepeiete), no norte da Argentina (Mbyá, Guarani do Chaco ou Chiriguano, Tepeiete), no Paraguai (Avá-Guarani ou Chiripá, Pai-Tavyterã ou Kaiowá, Mbyá, Guarani Paraguaio, Aché ou Guayaki) e no Brasil (Nhandeva, ou Avá-Guarani, Kaiowá, Nhandewa e Mbyá). Segundo Melià (1992) existem três períodos para essa língua: o Guarani arcaico, o Guarani colonial e o Guarani moderno.

A partir do Guarani arcaico, mais especificamente das variedades faladas pelos povos Cario, Tobati e Guarambaré nos primeiros anos da colonização europeia, teria surgido, para alguns pesquisadores, o Guarani crioulo como resultado do contato entre essas variedades e a língua espanhola. O Guarani jesuítico, também conhecido como as variedades documentadas pelos padres jesuítas, registra informações das línguas faladas nas regiões do Paraná, Uruguai, Tepee, Guairá e Itatim. Por outro lado, o termo ‘Kaynagua’ se refere às variedades utilizadas por indígenas que habitavam as florestas, situados nas áreas do Guairá, Itatim e Tarumã. Assim, o Guarani falado no Brasil evoluiu a partir do Guarani kaynagua e das variedades linguísticas utilizadas em algumas missões jesuíticas.

1.5 Conceitos e dinâmicas do contato linguístico e suas manifestações sociais

A existência de um mundo caracterizado por uma diversidade de línguas revela como os povos em interação estão em constante processo de intercâmbio e adaptação linguística. De acordo com Calvet (2002), as trocas linguísticas, interferências, misturas e seus resultados subsequentes, tais como o surgimento de bilinguismo e diglossia, entre outros fenômenos linguísticos, são produtos desses contatos. O estudo desses fenômenos tem suscitado considerável interesse nas disciplinas de Sociolinguística, Linguística Histórica e áreas correlatas. Calvet (2002) também observa que as atividades comerciais entre distintas comunidades, bem como os empreendimentos colonizatórios, criaram um ambiente propício para o desenvolvimento do bilinguismo, pois nesses contextos frequentemente se defrontam grupos sociais distintos, sem uma língua compartilhada que facilite a comunicação. É dessa maneira que, em tais circunstâncias, pode emergir uma terceira língua.

Calvet (2002) também aborda situações sociolinguísticas que podem levar à perda de eficácia comunicativa da língua nativa dos povos envolvidos no contato. Quando essas comunidades se tornam tão entrelaçadas que nenhuma delas domina a língua do outro, novas formas de comunicação emergem para suprir essa necessidade, como pidgins e crioulos. De acordo com o autor, um pidgin é, em linhas gerais, uma linguagem simplificada, não nativa para ninguém, que satisfaz demandas de comunicação relativamente amplas, como aquelas presentes nas interações comerciais entre diferentes grupos. Sua sintaxe é simplificada. Em contrapartida, Calvet (2002) esclarece que um crioulo surge quando um pidgin se torna a língua materna de uma comunidade. Diferentemente do pidgin, o crioulo possui um vocabulário mais abrangente, uma sintaxe mais sofisticada e é aplicado em diversos domínios comunicativos. Ele também é caracterizado por incorporar elementos lexicais da língua dominante (falada por menos pessoas) e adotar uma estrutura sintática influenciada pelas línguas subjacentes (faladas por mais pessoas) e uma sintaxe fundada sobre a sintaxe das línguas dominadas (maior número de falantes).

Em ambientes de plurilinguismo, surgem desafios de comunicação entre grupos homogêneos que possuem suas próprias línguas e não enfrentam dificuldades para interagir entre si. Calvet (2002) destaca que é precisamente nesses cenários que as línguas veiculares emergem como solução. Essas línguas são empregadas para facilitar a comunicação entre grupos que não compartilham a mesma língua materna. De acordo com o autor, o surgimento de uma língua veicular é uma resposta dos falantes à complexidade do plurilinguismo. Essa resposta pode assumir duas formas distintas: os falantes que buscam comunicar-se escolhem uma das línguas dos grupos sociais envolvidos no contato, ou então, uma nova língua é criada, frequentemente incorporando empréstimos dos diferentes idiomas em contato, resultando em uma língua híbrida.

Ferguson (1959), conforme citado por Calvet (2002), foi pioneiro na introdução do conceito de diglossia em um artigo publicado em 1959. Sob a ótica de Calvet, a diglossia é caracterizada pela coexistência de duas formas linguísticas dentro de uma mesma comunidade, identificadas como "variedade alta" e "variedade baixa". De acordo com essa perspectiva, a distinção funcional entre essas variedades é nítida: a "variedade alta" é empregada em contextos como igreja, correspondência, discursos e ambiente universitário, enquanto a "variedade baixa" é utilizada no âmbito familiar e na literatura popular.

Calvet ressalta que, em um contexto de diglossia, a "variedade alta" sempre desfruta de prestígio social, sendo a preferida para a produção de literatura reconhecida e admirada. Um aspecto relevante da abordagem de Calvet é a observação de que a "variedade baixa" é adquirida "naturalmente" (ou seja, é a primeira língua dos falantes), enquanto a "variedade alta" é ensinada no ambiente escolar, resultando em uma padronização notável. Isso se reflete na criação de gramáticas e dicionários específicos para a "variedade alta", conforme destacado por Calvet.

Fishman (1967), segundo a citação de Calvet (2002), retoma a discussão sobre a diglossia iniciada por Ferguson, ampliando o conceito ao afirmar que não se limita apenas ao contato entre variedades de uma mesma língua, mas pode ocorrer entre mais de dois códigos linguísticos. O autor argumenta que essas línguas ou códigos não necessariamente precisam ter uma origem comum, ou seja, não precisam estar geneticamente relacionados.

Conforme a perspectiva de Fishman, qualquer situação de colonização que envolva a presença de uma língua europeia e outra africana (ou indígena, como no caso do Paraguai), resulta em um contexto de diglossia. Calvet destaca essa contribuição ao enfatizar que Fishman amplia a compreensão da diglossia para além das fronteiras de uma única língua, incluindo diferentes códigos linguísticos em interação, conforme discutido por Fishman e apud Calvet (2002).

No Paraguai, a coexistência de três línguas - espanhol, Guaraní e uma terceira língua chamada Jopará - persiste até os dias atuais, todas elas possuindo status oficial. O Jopará, em particular, é resultado do contato entre o espanhol e o Guaraní, exibindo características fonéticas e fonológicas das duas línguas envolvidas, o que justifica seu nome em Guaraní, que significa literalmente "mistura". Esta intrincada interação linguística será explorada mais adiante. Esse cenário multifacetado demonstra de maneira vívida como as línguas se entrelaçam, evoluem e influenciam as dinâmicas sociais ao longo do tempo.

A seguir, apresentamos uma breve descrição dos grupos Guaraní no Brasil.

2 O POVO GUARANI NO BRASIL

Esta sessão tem como intuito apresentar, brevemente, a história do povo Guarani a partir do contato com os espanhóis até a sua atual configuração no Brasil. Há, no Brasil, quatro parcialidades deste povo: *Mbyá*, *Nhandewa*, *Kaiowá* e *Nhandeva*. As parcialidades, embora com particularidades no nível fonético-fonológico e também lexical, apresentam significativa aproximação (cf. Ivo, 2018).

2.1 Origens e Dispersões: História dos Povos Tupi e Guarani

A história da origem dos povos Tupi e Guarani está intimamente ligada à evolução do termo "Guarani". Isso remonta à carta escrita por Diego Garcia, um navegador que descreveu sua viagem pelo rio da Prata entre 1526 e 1527. Na carta, Garcia mencionou a presença dos índios Guaranis nas ilhas próximas ao forte "Sancti Spiritus" (Edelweiss, 1947, p.19). Além dessa origem, Melià (1992) explica a evolução do tronco linguístico Tupi ao longo do tempo, que se ramificou, originando o que conhecemos como Tupi-Guarani. Esse termo se refere à divisão desse tronco em duas línguas próximas, mas distintas: o Tupi e o Guarani. Essas línguas seguiram caminhos de desenvolvimento separados ao longo dos anos, resultando no surgimento de outras línguas, algumas das quais ainda são faladas hoje.

A questão da origem dos povos Tupi é complexa, com alguns pesquisadores sugerindo que ela estava entre os rios Ji-Paraná e Aripuanã, afluentes do rio Madeira, que por sua vez é um afluente do Amazonas. Essa hipótese se baseia na busca por famílias linguísticas relacionadas entre si (Melià, 1992, p. 16), embora ainda haja controvérsias sobre sua localização precisa.

Conforme Melià (1992), ao longo de cerca de 3.000 anos, os povos do tronco Tupi se dispersaram pela bacia amazônica, seguindo os cursos de água favoráveis. Durante esse processo de evolução linguística e cultural, surgiu uma fase chamada Tupi-Guarani, com características compartilhadas por diferentes povos dentro dessa família linguística. Uma segunda fase de dispersão geográfica ocorreu em resposta a grandes oscilações climáticas, conforme sugerido por Melià (1992). Isso levou a movimentos migratórios em direção à bacia do Paraguai, descendo pelo rio Paraná e alcançando o litoral atlântico. Ao mesmo tempo, outros grupos atravessaram a bacia do rio Uruguai e chegaram à região do Jacuí (Melià, 1992, p. 17).

Segundo Rodrigues (1945, p. 334), a migração em direção ao litoral atlântico durante o século XVI foi a maior, mas no início do século XX, ocorreu outro movimento migratório,

desta vez do oeste para o leste. A questão sobre o que motivou essas ondas migratórias da família Tupi-Guarani ao longo do litoral brasileiro durante o século XVI ainda permanece.

Curt Nimuendajú (1883-1945), um etnólogo, argumentou que a força motriz por trás das migrações dos Tupi-Guarani não foi principalmente bélica, mas possivelmente de natureza religiosa. Ele observou que a habilidade guerreira desses povos apenas possibilitou a realização parcial de seus planos. Além disso, o século XX não trouxe melhorias para os Tupi do litoral, levando-os a compartilhar conhecimento com os parentes Guarani do Sul (Nimuendajú, 1987, p. 108).

Além das motivações religiosas, ao examinar a ampla dispersão das comunidades Tupi ao longo do território brasileiro, desdobrando-se ao longo de milênios, surgem aspectos fascinantes adicionais. Wilmar D'Angelis⁶ sugere que considerações econômicas desempenharam um papel significativo nesse contexto. Isso inclui a busca por regiões ricas em recursos naturais, a necessidade de adaptação às mudanças climáticas e até mesmo a exploração de novos territórios para acomodar o crescimento demográfico (cf. Ivo, 2018).

Conforme resultado das migrações, os Tupi estabeleceram-se ao norte do Paranapanema e expandiram-se ao longo da costa atlântica. Enquanto isso, os Guarani dirigiram-se para o sul, em busca de terras com clima mais frio. Historicamente, os Tupi eram conhecidos por cultivar a mandioca amarga, o que os levou a desenvolver artefatos cerâmicos e utensílios específicos para extrair o veneno da mandioca, permitindo a produção de farinha e *mbeju*, mais tarde chamados de "o pão da terra". Em contrapartida, o povo Guarani, ao ocupar regiões mais temperadas e frias, concentrou-se principalmente no cultivo de milho, mandioca doce, batata, abóboras e várias variedades de feijão (Melià, 1992, p. 19)

Ao longo dos séculos, as diferenças entre os dialetos Tupi e Guarani evoluíram, deixando sua marca, mas também preservando semelhanças. Mesmo colonizadores europeus que não eram especialistas em antropologia ou filologia conseguiam perceber essas semelhanças e diferenças (Melià, 1992, p. 19). As línguas derivadas do chamado Guarani Antigo ainda são faladas hoje, como o Guarani Paraguaio, que é uma das línguas oficiais do país vizinho. Por outro lado, as línguas rotuladas como Tupi Antigo, como o Tupinambá e o Tamoio, não são mais faladas (Melià, 1992, p. 19). No século XVI, quando os europeus entraram em contato com os Tupi e, posteriormente, com os Guarani, notaram tanto semelhanças quanto diferenças evidentes entre essas duas nações, mesmo sem serem especialistas no assunto. Isso era tão evidente que, na época, considerava-se que o Tupi e o

⁶ Comunicação pessoal

Guarani eram dialetos de uma mesma língua. Os escritores dessas línguas compartilhavam um sistema alfabético muito semelhante e moviam-se em um horizonte literário comum. Essa unidade linguística entre os dois povos era notável e registros históricos confirmam essa compreensão compartilhada (Melià, 1992, p. 23). Essa percepção de unidade também se refletia nas relações entre os jesuítas e os povos indígenas. Jesuítas brasileiros foram enviados ao Paraguai com a suposição de que as línguas dos índios das duas "províncias" deveriam ser mutuamente compreensíveis. Os primeiros jesuítas que chegaram a Asunción em 1588 eram proficientes tanto no Guarani quanto no Tupi. Evidências históricas sugerem que a gramática de Anchieta e até textos catequéticos brasileiros eram usados no domínio do Guarani, no Rio da Prata, demonstrando a estreita relação entre esses idiomas (Melià, 1992, p. 24).

2.2 A Diversidade dos Grupos Guarani no Território Brasileiro

O Brasil é enriquecido pela presença de muitos grupos indígenas que trazem consigo culturas, línguas e tradições únicas. Entre esses grupos, os Guarani se destacam como um dos mais notáveis e diversos. Eles se adaptaram ao longo do tempo em diferentes regiões do país, construindo uma rica e complexa herança cultural. Nesta seção, apresentaremos uma breve visão geral dos grupos Guarani que habitam o Brasil.

2.2.1 Avá Katú Eté

Segundo Melià (1992, p. 245), os *Avá Katú Eté*, "pessoas verdadeiramente autênticas", são um grupo Guarani com uma presença significativa no Brasil e no Paraguai. Eles são considerados prováveis descendentes dos Guarani do Guairá e do Mbaracajú, regiões historicamente importantes no contexto Guarani. Ao longo dos anos, este grupo tem recebido diferentes denominações, o que reflete a complexidade de sua identidade cultural. Além do nome *Avá Katú Eté*, também são conhecidos como *Chiripá* e *Avá-Guarani*. A literatura etnográfica, por sua vez, os descreve com termos como *Apapokúva*, *Oguauíva*, *Tañyguá* e *Cheirú*.

Um termo que é frequentemente associado aos *Avá Katú Eté* é *Nhandeva*, que, embora seja uma autodenominação usada por diversos grupos Guarani, é preferencialmente usado para se referir a eles. Notavelmente, o antropólogo Egon Schaden também adotou o termo *Nhandeva* para designar essa parcialidade, porém escolhendo escrevê-lo com "Ñ" seguindo o estilo do idioma espanhol, como "Ñandeva":

Ñandeva é autodenominação de todos os Guaraní... é a única autodenominação usada pelas comunidades que falam o dialeto registrado por Nimuendajú com o nome Apapokúva e que parece ter sido falado também pelos Tañyguá e algumas outras hordas mencionadas por aquele autor. Proponho, por isso, que se reserve o nome Ñandeva para essa subdivisão. Pelos Mbüa é apelidada de Txiripá í, —os Txiripazinhos‡ (Schaden, 1974, p. 2)

Schaden (1974) usou esta terminologia para categorizar diversas comunidades locais residentes nos estados de São Paulo e Mato Grosso, sem incluir os estados do sul, e fez uma breve menção aos Txiripá às margens do Paraná, considerando-os como distintos dos *Txiripái* (Ñandeva). Contudo, devido à ausência de uma opção mais adequada, antropólogos, especialistas em assuntos indígenas e linguistas geralmente rotulam como Nhandeva qualquer comunidade de língua Guaraní no Sul do Brasil que não se identifique como Mbyá ou que não possa ser claramente classificada de outra forma.

2.2.2 Mbyá

De acordo com as observações de Melià (1992, p. 248), os Mbyá eram originalmente denominados *kaýngua*, ou "monteses", fazendo referência ao seu modo de vida nas áreas remotas, longe das influências coloniais. Essa separação não se limitava apenas à distância geográfica, mas também refletia uma ideologia que resistia ao contato com os "outros". "Hasta hace muy pocos años podía ser considerado este pueblo indígena uno de los más herméticos del continente (Melià, 1992, p. 248).

Schaden (1974, p. 3) aborda as formas de designação atribuídas a esse grupo:

Mbüa (gente) é a autodenominação mais usada pelos Guaraní conhecidos na bibliografia como *Kainguá*, *Kaiuá* etc. e a que os *Ñandeva* chamam *Tambéaópé* (*chiripá* largo) ou *Txeirũ*, *Ñaneirũ* (meus ou nossos amigos). Não raro, encontra-se também para estes índios a denominação *Apiütere*, ou seja, *apyteré* (corrutelas: *Apuiteré*, *Apiteré*), que eles próprios, no entanto, repelem como depreciativo. Entre os paraguaios são conhecidos pelo apelido de *Baticolas*, em atenção ao *Chiripá* que usam entre as pernas. Também se ouvem outros subgrupos o apodo *Aváhuguai*, homens de caudal, dado pelo mesmo motivo.

Os *Mbyá*, tradicionalmente localizados nos densos bosques das regiões médias do Paraná, nos antigos territórios do Tarumá, Caaguasú e Guairá, expandiram sua presença para as áreas costeiras do Atlântico. Hoje, eles estão dispersos por todos os estados do sul do Brasil, além de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Conforme Melià (1992, p. 249) observou,

mesmo com essas mudanças geográficas ao longo das antigas migrações, os *Mbyá* mantiveram uma notável unidade cultural que permanece praticamente inalterada nos dias atuais.

2.2.3 Paĩ-Tavyterá / Kaiowá

De acordo com a análise de Melià (1992), a partir de registros históricos, é possível estabelecer uma associação dos *Paĩ-tavyterã* com os antigos Itatins, que eram habitantes das margens do rio Paraguai. A respeito da origem de seu nome, Melià (1992, p. 247) esclarece que "*Paĩ*" é o termo utilizado pelos deuses e pelos habitantes do paraíso para se saudarem e se dirigirem uns aos outros, enquanto *Tavyterã*" se refere aos futuros moradores do centro da Terra. Além da designação *Paĩ-tavyterã*, esses indígenas são identificados pelos termos mais genéricos *Ava* (indígenas) e *Te'yi* (aqueles da mesma linhagem). A maior concentração desse grupo é encontrada no Mato Grosso do Sul, embora algumas famílias também estejam estabelecidas em outras regiões do Brasil.

Consequentemente, as diversas parcialidades Guarani estão distribuídas em nove Estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Tocantins e Pará.

Conforme Ivo (2018), a tarefa de identificar e distinguir as diversas parcialidades Guarani sempre representou um desafio complexo, tanto para etnólogos quanto para indigenistas. Isso se deve a uma série de fatores, incluindo questões relacionadas à auto identificação, à mobilidade dos grupos e às relações matrimoniais, entre outras complexidades. Mesmo nos dias de hoje, o Brasil ainda enfrenta uma notável confusão em relação às nomenclaturas das parcialidades Guarani. Em algumas regiões do país, e possivelmente em todo ele, esses grupos são frequentemente simplesmente referidos como Guarani.

No Brasil, o contato histórico entre os Guarani e os brasileiros ocorreu de maneira distinta em comparação com o contato ocorrido com os espanhóis, e isso pode explicar por que não se desenvolveu uma geração mestiça no Brasil, semelhante à que surgiu na América espanhola. Os efeitos do contato com a sociedade brasileira nas línguas Guarani variam entre as diferentes parcialidades. Ivo (2018), em visitas às aldeias *Mbyá*, *Kaiowá* e *Nhandeva* do Mato Grosso do Sul, observou sobre um grau mais elevado de bilinguismo entre os adolescentes e jovens, embora as crianças, em sua maioria, se mantenham monolíngues em Guarani, assim como alguns adultos e praticamente todos os idosos.

Quando se trata dos Guarani-*Mbyá*, os casos de uniões civis com brasileiros são extremamente raros, e tais situações geralmente não são bem vistas pela comunidade. Muitos

membros da comunidade afirmam que essa prática não é aceita, e, em tais casos, é recomendado que o casal não permaneça na aldeia (cf. Ivo, 2018).

Finalmente, cabe ressaltar que esses grupos desempenham um papel fundamental na compreensão das complexas dinâmicas linguísticas e culturais do país. Na seção subsequente deste trabalho, apresentaremos uma breve descrição da organização fonética e fonológica da língua Guarani no Brasil, que servirá como uma luz orientadora para a análise objetiva de nossa pesquisa.

3 FONÉTICA DA LÍNGUA GUARANI

A língua Guarani é uma das línguas indígenas mais proeminentes na América do Sul. Conhecê-la é crucial não apenas para a preservação da diversidade linguística indígena, mas também para uma apreciação mais profunda da identidade cultural do povo Guarani.

A língua Guarani apresenta uma produtiva estrutura morfológica aglutinante, tendo a fonologia um papel crucial, por explicar processos diversos que alteram morfemas e fonemas, como o processo da harmonia nasal por meio do qual uma raiz lexical nasal espalha nasalização para vogais e consoantes adjacentes.

Neste capítulo, iremos apresentar a organização fonética da língua Guarani, conforme proposta de Ivo (2014 e 2018). Na tabela a seguir, inicialmente os fones consonantais das quatro variedades. As variações fonéticas serão indicadas pelas seguintes siglas:

Mbyá: **MB**

Nhandewa: **NW**

Kaiowá: **KW**

Nhandeva: **NV**

A seguir, a descrição fonética das consoantes e depois das vogais do Guarani falado no Brasil.

3.1 Consoantes

Quadro 2– Fones da Língua Guarani

MODOS DE ARTICULAÇÃO		PONTOS DE ARTICULAÇÃO					
		Bilabial	Labiodental	Dental/ Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas		[p]		[t]		[k]	[ʔ]
Nasais		[m]		[n]	[ɲ]		
Pré-Nasalizadas		[^m b]		[ⁿ d]	[^ɲ dʒ]	[^ŋ g]	
Tepe				[r]			
Fricativas	não vozeada	[s] KW, NV		[ʃ] KW, NV			[h] MB, KW, NV
	vozeada						[ɦ]

							MB, KW, NV
Africadas	não vozeada			[t͡s] MB, NW	[t͡ʃ] MB, NW		
	vozeada			[d͡z] MB	[d͡ʒ]		
Labializadas	não vozeada					[kʷ]	
	vozeada					[gʷ] ~ [ŋgʷ] ~ [ŋʷ]	
Aproximantes		[w]	[v]		[j]	[ɰ]	

Fonte: adaptado de Ivo (2018)

Abaixo, apresentamos breve descrição dos fones da língua Guarani:

3.1.1 Oclusivas

As quatro variedades do Guarani no Brasil realizam a série de oclusivas surdas: [p, t, k, ʔ].

3.1.2 Pré-Nasais e nasais

Os registros das comunidades analisadas por Ivo (2018) confirmam que o Guarani produz uma série de consoantes pré-nasais: [ᵐb, ᵐd, ᵐg, ᵐgʷ], as quais, em qualquer posição acentual, difundem sua nasalidade para a esquerda, afetando todos os segmentos sonoros e aparentemente transformando os segmentos pré-nasais em nasais plenas, representadas respectivamente por [m, n, ŋʷ], com exceção da nasal velar, a contraparte nasal plena de [ᵐg], não identificada em Ivo (2014 e 2018).

3.1.3 Tepe

As quatro variedades utilizam a oclusiva alveolar [ɾ], presente no início, meio e fim de sílabas, antes de segmentos vocálicos orais, nasais ou nasalizados, tanto em sílabas tônicas quanto pré-tônicas. Em contextos nos quais há difusão de nasalidade, essa consoante é articulada com nasalização (Ivo, 2014 e 2018).

3.1.4 Fricativas

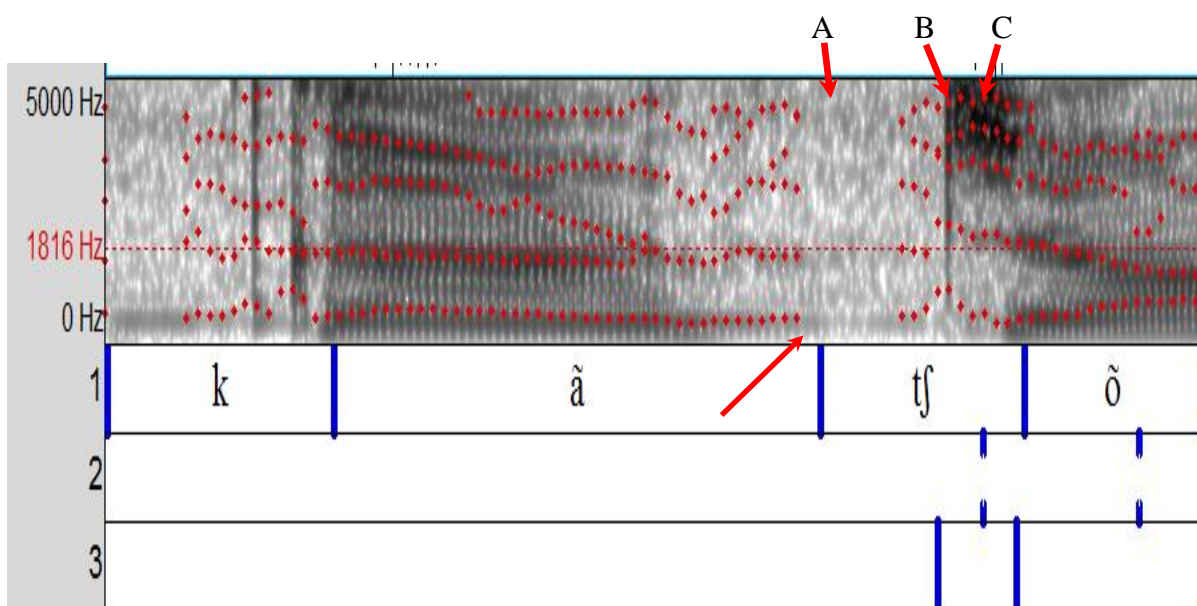
Na produção desses sons fricativos, o modelo de trato vocal adota a forma de um tubo com constrição acentuada. Os sons fricativos, reconhecíveis pelo ruído de energia acústica, têm sua turbulência influenciada pela localização, forma e grau de estreitamento da passagem obstruída. Reetz e Jongman (2009, p. 189) identificam quatro atributos: propriedades espectrais do ruído, amplitude, duração e transição para vogais vizinhas, sendo o espectro e pico espectral relacionados ao tamanho da cavidade oral anterior à constrição.

Os Nhandeva/MS e os Kaiowá/MS empregam dois sons fricativos: [s] e [ʃ]. Esses sons, caracterizados por uma constrição estreita no trato vocal, geram ruído de turbulência. Além disso, os Mbyá e os Nhandeva/MS e os Kaiowá/MS realizam a fricativa glotal não vozeada [h], também produzida com vozeamento [ɦ] (Ivo, 2014 e 2018).

3.1.5 Africadas

O Mbyá e o Nhandewa produzem dois sons africados [d̥ʒ] e [t̥ʃ]. Do ponto de vista da articulação, uma africada compreende três movimentos ou etapas: oclusão, liberação explosiva e fricção. Ivo (2018) apresenta dados da africada palatal não vozeada [t̥ʃ] no Mbyá e Nhandewa, na palavra [kãt̥ʃõ] (calça), no qual é possível observar as três fases distintas a seguir: a oclusão, representada pela letra A, a liberação explosiva, pela letra B, e a fricção, pela letra C. Observe-se, ainda, a ausência da barra de vozeamento na parte inferior confirma ser um som não vozeado:

Figura 1 – Espectrograma da africada palatal não vozeada [tʃ], na palavra [kãtʃõ] ‘calça’ (Mbyá/RJ)



Fonte: Ivo (2018, p. 88)

3.1.6 Labializadas

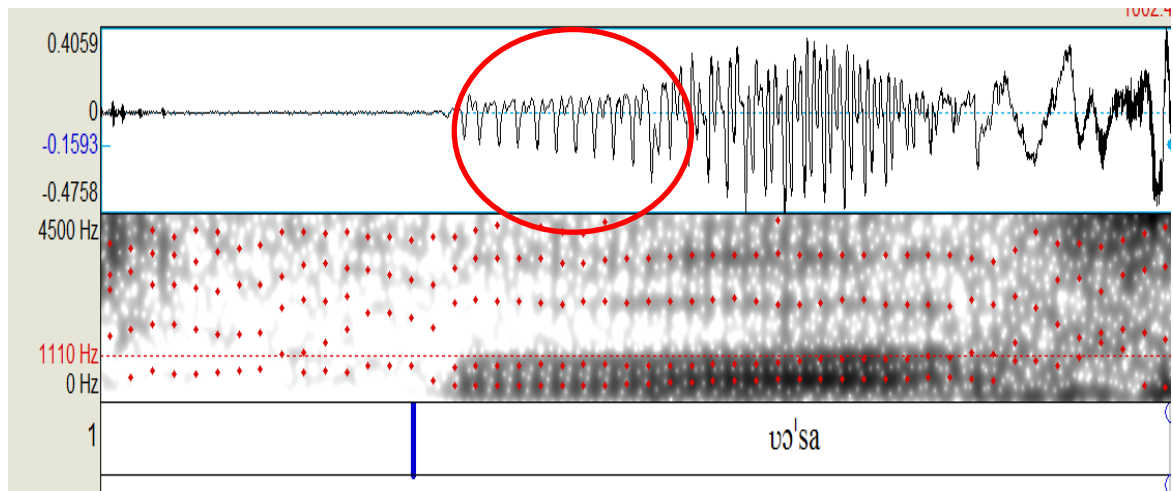
De acordo com Ivo (2018), o Guarani apresenta um contraste fonético entre duas oclusivas labializadas: [k^w] e [g^w]. As oclusivas labializadas são caracterizadas por uma articulação secundária envolvendo os lábios após a liberação da oclusão. Durante sua produção, ocorre a aproximante labiovelar [w], que atua como uma transição para a vogal seguinte (Ivo, 2014 e 2018).

3.1.7 Aproximantes

Nos diversos falares Guarani, são observadas as seguintes aproximantes: labiodental [ɸ], labiovelar [w], palatal [j] e a velar [ɰ]. Ivo (2018) fala a respeito da semelhança na periodicidade dos pulsos glotais entre aproximantes e vogais. Durante a produção desses sons, os articuladores se aproximam, mas não há uma obstrução significativa do fluxo de ar que resultaria em turbulência, comum em sons fricativos. Assim, o padrão dos formantes assemelha-se ao das vogais, embora as aproximantes apresentem uma constrição maior. As aproximantes têm menor intensidade e duração do que as vogais. Assim, na articulação desses sons, não há traço de fricção, pois a tensão articulatória empregada não é suficiente para gerar fricção, ao contrário das fricativas. A autora destaca que as aproximantes se distinguem das

fricativas pelo menor estreitamento no canal supraglótico, resultando em um ruído de atrito menos perceptível, sendo ouvidas como uma leve modificação das vogais adjacentes. A seguir, uma ilustração de um som aproximante e de um fricativo:

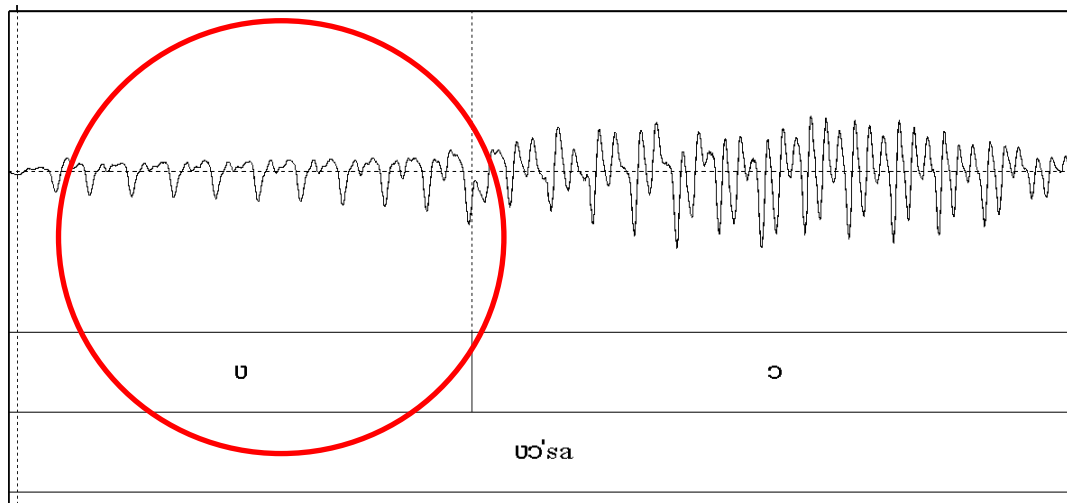
Figura 2– aproximante labiodental [vɔ'sa] 'bolsa' (Nhandeva/MS)



Fonte: Ivo (2018, p. 129)

Abaixo, a forma de onda da aproximante de modo ampliado:

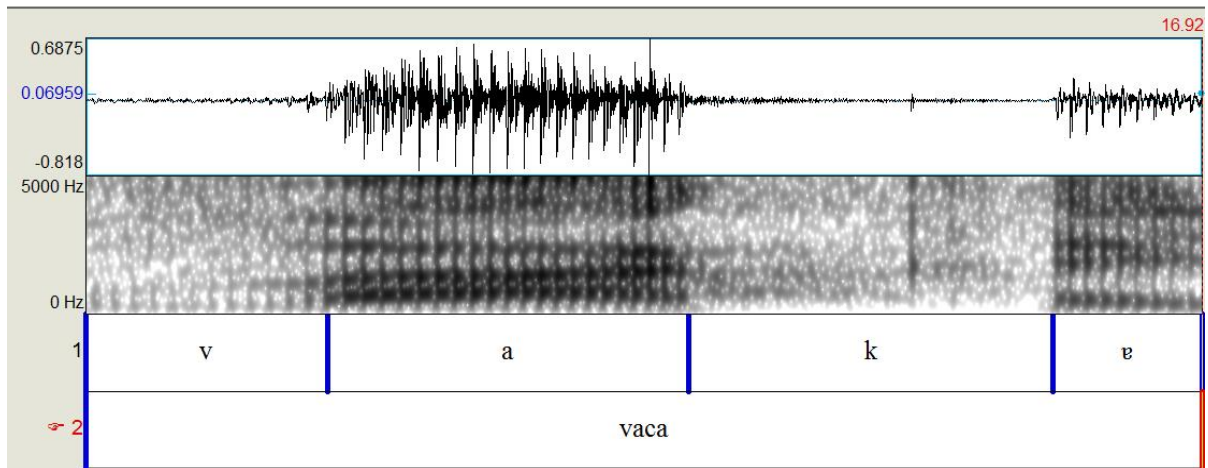
Figura 3 – [vɔ'sa] bolsa' (Nhandeva/MS)



Fonte: Ivo (2018, p. 129)

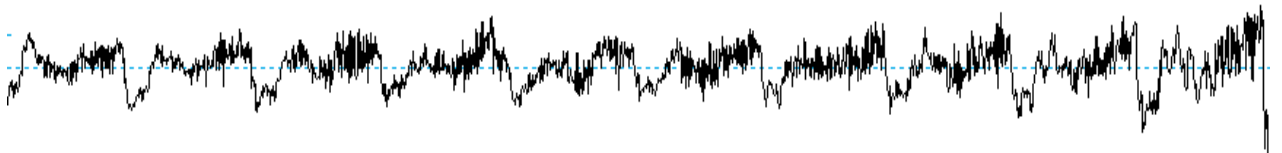
Ivo (2018) apresenta, para fins comparativos, a forma de onda da fricativa labiodental vozeada [v], por um brasileiro, na palavra ‘vaca’ (abaixo): além de ondas aperiódicas, observe-se o ruído, na parte superior do espectro.

Figura 4 - fricativa labiodental vozeada [v], na palavra ‘vaca’, por um brasileiro.



E abaixo, a forma de onda ampliada da fricativa labiodental vozeada [v], apresentada acima:

Figura 5 – forma de onda ampliada da fricativa labiodental vozeada [v]:



3.2 Vogais

As quatro variedades contrastam 8 vogais orais e 8 vogais nasais:

Quadro 3 – vogais da língua Guarani

	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não arredondadas		Não arredondadas		Arredondadas	
ALTA	[i]	[ĩ]	[ɨ]	[ɨ̃]	[u]	[ũ]
MEDIA	[e]	[ẽ]			[o]	[õ]
BAIXA	[ɛ]	[ɛ̃]	[a]	[ã]	[ɔ]	[ɔ̃]

Fonte: Adaptado de Ivo (2018)

Abaixo, dados das vogais orais e nasais:

Quadro 4 - Vogais da língua Guarani

/i/	Vogal anterior, alta, não arredondada, oral	[hi'ʔi]	'cabo de ferramenta'
		[vi'vi]	'cachorrinho'
/ĩ/	Vogal anterior, alta, não arredondada, nasal	[tʃĩ'ĩ]	'branco'
		[mĩtã]	'nenê'
/e/	Vogal anterior, média, não arredondada, oral	[te'dʒu]	'lagarto'
		[dʒero'ki]	'dança'
/ẽ/	Vogal anterior, média, não arredondada, nasal	[hẽ'ẽ]	'sim'
		[hẽtĩ'mã]	'perna dele'
/ɛ/	Vogal anterior, baixa, não arredondada, oral	[ti'k ^w ɛ]	'clado, sopa, molho, etc.'
		[tã ^m bodʒa'pɛ]	'comida de milho verde ralado'

/ɛ̃/	Vogal anterior, baixa, não arredondada, nasal	[kuãrãpɛ̃'pɛ̃]	'abóbora'
/i/	Vogal central, alta, não arredondada, oral	[ki'g ^w a]	'pente'
		[kaʔa'g ^w i]	'bosque, mata, selva'
/ĩ/	Vogal central, alta, não arredondada, nasal	[apĩ ^l g ^w a]	'narina'
		[a'ĩ]	'agora'
/a/	Vogal central, baixa, não arredondada, oral	[ka'ʔa]	'erva de chimarrão'
		[dʒa'g ^w a]	'cachorro'
/ã/	Vogal central, baixa, não arredondada, nasal	[nã'řã]	'laranja'
		[kã'wõ]	'sabão'
/u/	Vogal posterior, alta, arredondada, oral	[dʒu'ki]	'sal'
		[pu'ku]	'comprido'
/ũ/	Vogal posterior, alta, arredondada, nasal	[pĩ'tũ]	'noite'
		[ɲũ'ũ]	'grama, capim'
/o/	Vogal posterior, média, arredondada, oral	[ko'k ^w ɛ]	'roça'
		[mbo'a'pi]	'três'
/õ/	Vogal posterior, média, arredondada, nasal	[põ'řã]	'bom, bonito'
		[õuã'ê]	'ele veio'
/ɔ/	Vogal posterior, baixa, arredondada, oral	[pakɔ'ua]	'banana'
		[wɔ'kɔ]	'bolso, bocó'
/ɔ̃/	Vogal posterior, baixa, arredondada, nasal	[ʒ'kɛ̃]	'porta'
		[mɔ̃'kɔ̃j]	'dois'
		[ikanɛ̃'ʔɔ̃]	'ele está cansado'

4 FONOLOGIA DA LÍNGUA GUARANI

Nesta sessão, pretende-se apresentar a fonologia da língua Guarani, a partir da análise de Ivo (2014, 2018), que analisou a fonologia da língua a partir da teoria dos traços distintivos e do conceito das classes naturais.

Roman Jakobson fala a respeito dos traços distintivos como elementos primários na fonologia, os quais garantem as oposições entre os fonemas em uma língua:

Todos os fonemas de todas as línguas – quer vogais, quer consoantes – se resolvem totalmente em qualidades distintivas, irreduzíveis e de larga amplitude. Não são os fonemas, mas essas qualidades distintivas, que vêm a ser os elementos primários da fonologia léxica. [...]. As oposições entre as propriedades distintivas são, com efeito, oposições binárias lógicas, e cada membro de uma dessas oposições pressupõe necessariamente o membro oposto. [...] cada língua emprega, para distinguir as palavras, ora uma só oposição, ora um feixe de oposições (JAKOBSON [1939] /1972, p. 43-44).

No ensaio: “Sobre a identificação das entidades fonêmicas”, Jakobson também fala sobre o valor dos traços distintivos: “Ora, assim como os fonemas de uma língua dada formam um sistema de sequências, também por sua vez, o sistema de fonemas é formado dos constituintes desses fonemas, que são os traços distintivos” (Jakobson [1949] /1972, p. 56).

Segundo Ivo (2018, p. 189), no *Preliminaries to Speech Analysis*, Jakobson, Fant e Halle (1952) propuseram 12 traços binários, de base acústica, distintivos e compreendidos como universais. Segundo a proposta, as línguas selecionam traços específicos para a configuração do seu próprio sistema, o que faz com que o ouvinte se depare sempre com uma situação de dupla-escolha entre opostos, que são os valores dos traços distintivos binários.

Abaixo, apresentamos breve descrição fonológica das consoantes e vogais da língua Guarani, levando-se em conta a separação dos sons em classes naturais e agrupamento à luz dos traços distintivos:

4.1 Consoantes

4.1.1 Obstruintes [- estridentes] e [+estridentes]

Na tabela abaixo, alguns exemplos dos ambientes de ocorrência das obstruintes não vozeadas, em posição inicial, media e final de palavra:

Quadro 5– Ambientes das Obstruintes [- + estridentes]

[-estridentes]			
/p/	Ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais, em sílabas tônicas e pretônicas.	[pẽ'tĩ]	'fumo'
		[g ^w ĩra'pa]	'arco'
		[kaʔa,g ^w ĩrpi'g ^w a]	'animal selvagem'
		[d̥ʒopa'ra]	'feijão com milho ou arroz', mistura'
/t/	Ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais, em sílabas tônicas e pretônicas.	[tẽmbia'pɔ]	'artesanatos'
		[d̥ʒe'tĩ]	'batata-doce'
		[tɛ'd̥ʒu]	'lagarto'
		[tātā'tĩ] KW, NV, NW	'fumaça'
/k/	Ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais, em sílabas tônicas e pretônicas.	[kĩ'tsɛ] NW, MB	'faca'
		[ava,ʔsiku'ʔi] MB	'farinha de milho'
		[mbara'ka]	'violão'
		[ad̥ʒa'ka]	'cesto'
/k ^w /	Ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais, em sílabas tônicas e pretônicas.	[d̥ʒĩ ^w k ^w ɛ]	'cozido, caldo, sopa'
		[ĩ ^w k ^w äre'g ^w a]	'anel'
		[k ^w ãrãpẽ'pẽ]	'abóbora' (moranga)
		[kũ,ʔfara'k ^w a] NW, MB	'garfo'
/ʔ/	Ocorre no ataque de sílabas finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais, em sílabas tônicas.	[ʔuʔʔã]	'serra, subida, aclave, barranco, ladeira'
		[d̥ʒu'ʔa]	'amora'
		[mitã'ʔi]	'nenê'
		[ka'ʔa]	'erva-mate'

		[kapi'ʔi]	'capim'
[+estridentes]			
/t͡s/	Ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais, em sílabas tônicas e pré-tônicas. (Mbyá e Nhandewa)	[ava't͡siʔi'g ^w ɛ]	'sabugo de milho'
		[ava't͡si]	'milho'
		[ava,t͡siku'ʔi]	'farinha de milho'
		[d͡ʒa't͡si]	'lua'
		[d͡ʒa,t͡sitata]	'estrelas'
		[tata't͡si]	'neblina, fumaça'
		[i't͡sã]	'corda, cadarço'
		[nãt͡si'ʔũ]	'pernilongo'
		[tepo't͡si]	'fezes'
/t͡ʃ/	Ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais posteriores, em sílabas tônicas e pré-tônicas. (Mbyá e Nhandewa)	[g ^w a't͡ʃu]	'veado'
		[apika't͡ʃu]	'pomba'
		[kã't͡ʃõ]	'calça'
		[t͡ʃõ ^h daru]	'soldado Guarani'
		[t͡ʃõ,ʔombi't͡ʃi]	'carne assada'
/s/	Ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais, em sílabas tônicas e pré-tônicas. (Nhandeva e Kaiowá)	[ki'se]	'faca'
		[kã'sõ]	'calça'
		[g ^w a'su]	'veado'
		[apika'su]	'pomba'
		[pireheg ^w ã'sã]	'cadarço'

		[sa,ʔi'dʒu]	'amora'
/ʃ/	Ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais, em sílabas tônicas e pré-tônicas. (Nhandewa e Kaiowá)	[ku'fara]	'colher'
		[ʃiɾ'nõ]	'beija-flor'
		[tʃɔ,ʔɔmbi'fɨ]	'carne assada'
		[fe'fãw]	'feijão'
		[ʃi'ru]	'flauta'

Segundo Ivo (2014), no Guarani-Mbyá, a oclusiva glotal [ʔ], ocorre no ataque de sílabas mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais, em sílabas tônicas, como na palavra [tẽmbi'ʔu] > 'comida', em possível distribuição complementar com a fricativa glotal [h], que ocorre predominantemente em sílabas átonas.

O Nhandewa/SP_PR não utiliza a fricativa glotal [h], como já foi apontado anteriormente por Costa (2010) e depois por Ivo (2018) que demonstrou que em produções como [hu'ʔi] 'lança, flecha' pelas demais variedades, os Nhandewa produzem a oclusiva glotal [ʔ]: [ʔu'ʔi] 'lança, flecha'.

4.1.2 As soantes [- contínuas] e [+ contínuas]

Segundo Ivo (2014 e 2018), as diferentes comunidades Guarani no Brasil apresentam uma variedade de sons pré-nasais, caracterizados por uma fase nasal na margem inicial dos sons oclusivos vozeados: [ᵐb], [ᵐd], [ᵐdʒ], [ᵐg], e [ᵐgʷ]. Observemos, nos exemplos a seguir, os ambientes de ocorrência das soantes [-contínuas]:

Quadro 6 – Ambientes das Soantes [-contínuas]

/mb/	[mb] ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais , em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[mẽ ¹ mbi]	‘filho de mulher’
		[mĩ ¹ mba]	‘animal doméstico’
		[m ¹ bara'ka]	‘violão’
		[mbe ¹ ru]	‘mosca’
		[mba ¹ pi]	‘mingau’
		[tẽ ¹ mbia'pɔ]	‘artesanato’
	[m] ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos nasais , em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[mã ⁿ du'vi]	‘amendoim’
		[mã ⁿ di'ʔɔ]	‘mandioca’
		[mã ⁿ di'dʒu]	‘algodão’
		[kãmĩ'tsã]	‘camisa’
		[hẽti'mã]	‘perna dele’
		[mã'mõ]	‘onde?’
/nd/	[nd] ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais , em sílabas tônicas e pré-tônicas	[ⁿ dε'pɔ]	‘sua mão’
		[nã ⁿ du]	‘aranha’
		[kumã, ⁿ darɔ'pɛ]	‘feijão vagem’
		[mã ⁿ du'i]	‘amendoim’
		[ã ⁿ da'i]	‘abobrinha’
		[tjõ ⁿ daru]	‘soldado Guarani’

	[n] corre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos nasais, em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[mã'i'nõ]	'beija-flor'
		[nã'm̃bi]	'orelha'
		[nã'rã]	'laranja'
/ɲdʒ/ ⁷	[dʒ] ~ [ɲdʒ] ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais, em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[dʒu'ki]	'sal'
		[kava'dʒu]	'cavalo'
		[i'dʒu]	'amarelo'
		[tsã ^h dʒa ^w]	'melancia'
		[ɲdʒa'gwa]	'cachorro'
	[ɲ] ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos nasais ou nasalizados, em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[ɲã ^h du]	'aranha'
		[ɲũ'ũ]	'grama, capim'
		[ɲũ'ũ]	'armadilha, cadeia'
		[kũ'ɲã]	'mulher'
/ŋg/	[ŋg] ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais, em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[mã'ŋga]	'peteca'
		[ãŋgu'dʒa]	'rato'
		[ŋgɔ'ra]	'boné'

⁷ Ivo em comunicação pessoal (2023) explica que a africada palatal [ɲdʒ] ocorre em distribuição complementar com a nasal palatal [ɲ], o primeiro em ambientes orais e o segundo em ambientes nasais. Segundo a pesquisadora, o funcionamento desse som permite o seu agrupamento com a série de sons soantes [-contínuos] (o grupo de pré-nasais), uma vez que foram observadas, ainda que raras, produções com a pré-nasalização desse fonema em ambientes orais, como [ɲdʒa'gwa] 'cachorro'.

/ŋ^w/	[g^w] ~ [ŋg^w] ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais (à exceção das vogais arredondadas, com as quais não co-ocorre), em sílabas tônicas e pretônicas.	[d̥ʒa'g ^w a]	‘cachorro’
		[g ^w ᵢ,ra'tsᵢ]	‘garça branca’
		[g ^w ira'pa]	‘arco’
		[kaʔa,g ^w irupi'g ^w a]	‘animal não domesticado’
		[pẽ'ŋg ^w ε]	‘fratura’
		[ɲẽ'ŋ ^w a'ẽ]	‘escapar-se, fugir’
		[-rã'ŋg ^w ε]	‘condição não realizada’
		[ŋg ^w ira'pa]	‘arco’
	[ŋ^w] ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, precedendo vogais nasais, em sílabas tônicas e pretônicas.	[ã'ŋ ^w ã]	‘proposito’
		[ŋ ^w ãĩmĩ'ʔi]	‘velhinha’

Observemos nos exemplos a seguir, os ambientes de ocorrência das soantes [+contínuas]:

Quadro 7 – Ambientes das Soantes [+ contínuas]

/v/	[v] corre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais ⁸ , em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[ᵢvᵢ'ra]	‘arvore’
		[ᵢvira'ʔa]	‘fruta’
		[pako'va]	‘banana’
		[tsi'vi]	‘onça’
		[tsi,vi'ʔi]	‘gato’
		[ri'va'd̥ʒa]	‘papagaio’

⁸ Ivo (2018)

		[iʊikuʔi]	‘areia’
		[ʊaʔka]	‘vaca’
		[kaʔuõ]	‘sabão’
	[w] corre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, precedendo e/ou seguindo segmentos vocálicos orais e nasais , geralmente contíguo a vocóides arredondados, em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[wɔʔkɔ]	‘bocó, sacola’
		[wɔʔtʃa]	‘bolsa’
		[ɔʔwi]	‘azul, verde’
		[kãʔwõ]	‘sabão’
		[iʊwɔʔti]	‘flor’
		Foi verificada variação envolvendo os dois fones nos mesmos dados.	
		[-aiʔuu], [-aiʔwu]	‘falar, gostar’
/w/	Ocorre apenas em <i>coda silábica</i> , em sílabas iniciais, mediais ou finais, precedida por vogais orais e nasais, em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[paraʔkaw]	‘papagaio’
		[tsãʔdʒaw]	‘melancia’
		[iʔpiw]	‘estar frouxo’
/r/	Ocorre no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais, em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[mbarakuʔdʒa]	‘maracujá’
		[mbariʔgʷi]	‘mosquito’
		[mbaraʔka]	‘violão’
		[mbaʔɛiʔru]	‘carro, veículo’
		[ɔʊɛʔra]	‘relâmpago’
		[paraʔkaw]	‘papagaio’

		[rɪva'dʒa]	'periquito'
		[mbe'ru]	'mosca'
		[dʒeru'tsi]	'pomba'
		[na'ɾã]	'laranja'
/j/	Ocorre apenas em <i>coda silábica</i> , em sílabas iniciais, mediais ou finais, precedida por vogais orais e nasais, em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[mbaj'pi]	'mingau'
		[ivɛ,ɥuj'kʷɛ]	'pulmão dele'
		[ivaj'kʷɛ]	'feio'
		[hu'gʷaj]	'rabo dele (animal)'
		[he'tsãj]	'saudável'
		[tseretsa'raj]	'meu esquecimento'
		[n'daʔɛ'vɛj]	'desagradável, inadmissível'
/h/	Varia livremente com [h] e com [Ø]. Ocorre no ataque de sílabas iniciais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais, em sílabas pré-tônicas.	[ha'tsa]	'machado'
		[hɛti'mã]	'perna dele'
		[hi'ʔi]	'cabo de ferramenta'
		[hu'ʔi]	'lança'
		[hu'ʔi'tsĩ]	'fubá torrado'
		[o'wɪ] - [ho'wɪ]	'azul'
/ɥ/	aproximante velar, pouco produtiva. Ocorre em sílabas tônicas, à exceção de dados de empréstimo do Espanhol, pelas parciais do Mato Grosso do Sul.	[adʒa'ɥa]	'eu corto' (Mbyá e Nhandewa)
		[adʒa'ɥa] ~ [adʒa'ɣa]	'eu corto' (Nhandeva e Kaiowá)
		[i'ɥa] ~ [i'ɣa]	'barco' (Nhandeva e Kaiowá)

		[ɨ'ɥa] ~ [ɨ'a]	'barco' (Mbyá e Nhandewa)
		[ɨ'ɥara]	'barco' (Nhandeva e Kaiowá)

Segundo Ivo (2018, p. 191),

O princípio de classes naturais é fundamental à concepção dos traços distintivos, uma vez que uma classe natural agrupa segmentos que tenham um ou mais traços em comum, que podem conjuntamente sofrer os mesmos processos fonológicos ou não, que podem ocorrer nos mesmos ambientes das regras fonológicas e que podem sofrer processos de alternância e assimilação.

A autora cita Hyman (1975, p.130-40), que apresenta quatro critérios para agrupar segmentos que pertencem a uma mesma classe natural:

- a) [...] os dois segmentos sofrem juntos regras fonológicas, b) os dois segmentos funcionam juntos nos ambientes das regras fonológicas, c) um segmento é convertido no outro por uma regra fonológica, d) um segmento é derivado no ambiente do outro segmento (como nos casos de assimilação).

Assim, Ivo (2018) propõe o seguinte sistema para a língua Guarani, agrupando as quatro variedades faladas no Brasil:

Quadro 8 – Fonemas Consonantais da língua Guarani (Ivo, 2018)

		Labiais	Coronais		Dorsais		Laríngeas
Obstruintes	[- estridentes]	/p/	/t/		/k/	/k ^w /	/ʔ/
	[+ estridentes]		/t͡s/ ~ /s/	/t͡ʃ/ ~ /ʃ/			
Soantes	[- contínuas]	/ ^m b/	/ ⁿ d/	/ ⁿ d͡ʒ/	/ ^ŋ g/	/ ^ŋ g ^w /	
	[+ contínuas]	/v/	/r/	/j/	/ɥ/		/h/

4.2 Vogais

As vogais médias [e] e [ẽ], [o] e [õ] ocorrem predominante em sílabas átonas, o que levou Ivo (2018) a propor essas formas como produções sem estatuto fonológico. A seguir, breve descrição dos ambientes de ocorrência dos fonemas vocálicos:

Quadro 9 – Ambientes das vogais orais Guarani

VOGAIS ORAIS			
/i/	Ocorre em sílabas tônicas e pré-tônicas	[ã ⁿ da'i]	'abobrinha'
		[pi'ra]	'peixe'
/ɛ/	Ocorre em sílabas tônicas e pré-tônicas.	[ti'k ^w ɛ]	'clado, sopa, molho, etc.'
		[tɛ'dʒu]	'comida de milho verde ralado'
		[dʒag ^w arɛ'tɛ]	'onça pintada'
	Ocorre eventualmente em sílabas pré-tônicas	[^m be'ru]	'mosca'
		[dɛʒerɔ'ki]	'dança'
	Nos dados dos Nhandeva e Kaiowá, foram registrados poucos dados em que [e] ocorre eventualmente em sílabas tônicas	[dʒag ^w are'te]	'onça'
[ki'se]		'faca'	
/ĩ/	Ocorre em sílabas tônicas e pré-tônicas	[kaʔa'g ^w ĩ]	'bosque, mata, selva'
		[ki'g ^w a]	'pente'
/a/	Ocorre em sílabas tônicas e pré-tônicas	[ka'ʔa]	'erva de chimarrão'
		[^m bara'ka]	'violão'

/u/	Ocorre em sílabas tônicas e pré-tônicas	[dʒu'ki]	'sal'
		[pu'ku]	'comprido'
/ɔ/	Ocorre em sílabas tônicas e pré-tônicas	[pakɔ'va]	'banana'
		[wɔ'kɔ]	'bolso, bocó'
		[tẽ ^m bia'pɔ]	'artesanatos'
	[o] corre eventualmente em sílabas pré-tônicas	[ko'k ^w ɛ] ~ [kɔ'k ^w ɛ]	'roça'
		[^m bo'a'pi]	'três'

As vogais nasais ocorrem em posição tônica e funcionam com gatilhos para o espalhamento da nasalidade (Ivo, 2018, p. 255):

Quadro 10 Ambientes das vogais nasais Guarani

VOGAIS NASAIS		
/ĩ/	[tãtã'tĩ]	'fumaça'
	[mĩ'rĩ]	'pequeno'
/ẽ/	[tak ^w arẽ'ʔẽ]	'cana-de-açúcar'
	[k ^w ãrãpẽ'p ẽ]	'abobora moranga'
/ĩ/	[pẽ'tĩ]	'fumo'
	[a'ĩ]	'agora'
/ã/	[tũ'pã]	'divindade'
	[mĩ'tã]	'criança'
/ũ/	[apika'tsu'ũ]	'pomba preta'

	[ɲũ'ũ]	'grama, capim'
/õ/	[mõ'kõ]	'dois, duas'
	[mã'mõ]	'onde'
	[põ'rã]	'bom, bonito'

Assim, Ivo (2018) propõe a distinção de duas alturas tanto para as vogais orais como para as nasais:

Quadro 11 – Fonemas Vocálicos Oraís do Guarani

ORAIS	ANTERIORES	POSTERIORES	
		NÃO ARREDONDADAS	ARREDONDADAS
ALTAS	/i/	/ĩ/	/u/
NÃO ALTAS	/ɛ/	/a/	/ɔ/

Quadro 12 - Fonemas Vocálicos Nasais do Guarani

NASAIS	ANTERIORES	POSTERIORES	
		NÃO ARREDONDADAS	ARREDONDADAS
ALTAS	/ĩ/	/ĩ̃/	/ũ/
NÃO ALTAS	/ẽ/	/ã/	/õ/

5 ANÁLISE E DESCRIÇÃO

Para o desenvolvimento da nossa análise, lançamos mão do seguinte *corpus*:

Empréstimo lexical do espanhol	Mbyá	Nhandewa	Nhandeva	Kaiowá	Português
Caballo	[kava'd̥ʒu]	[kava'ru]	[kava'd̥ʒu]	[kava'd̥ʒu]	cavalo
Calzón	[kã'tʃõ]	-	[kã'sõ]	[kã'sõ]	calça
Camisa	[kãmĩ'tsã]	[kãmĩ'tsã]	[kãmĩ'sã] [kãmbi'sa]	[kãmĩ'sã] [kãmbi'sa]	camisa
Canoa	[kanõ'ã]	-	[kanõ'ã]	-	canoa
Cuchara	[ku'tʃa]	[ku'tʃa]	[ku'fara]	[ku'fara]	colher
Gallo	['gad̥ʒu]	-	['gad̥ʒu]	-	galo
Gorra	[ŋɔ'ra]	[ŋɔ'ra]	-	-	boné
Hacha	[ha'tsa], [a'tsa]	[a'tʃa]	['hafa]	-	machado
Jabón	[ka'võ]	[tsa'võ]	[ka'võ] [xa'võ]	[ka'võ] [xa'võ]	sabão
Melón	[me'rõ]	-	-	[me'rõ]	melão
Naranja	[na'rã]	[na'rã]	[na'rãxa]	[na'rãxa]	laranja
Sandía	[tsã ⁿ d̥ʒaw]	[tsã ⁿ di'a]	-	[sã ⁿ dia]	melancia
Soja	-	-	['soxa]	['soxa]	soja
Zapato	[tsapa'tu]	[tsapa'tu]	-	-	sapato

Fonte: Ivo (2018)

Retomando a proposta de Ivo, a língua Guarani no Brasil tem o seguinte sistema fonológico:

		Labiais	Coronais		Dorsais		Laríngeas
Obstruintes	[- estridentes]	/p/	/t/		/k/	/k ^w /	/ʔ/
	[+ estridentes]		/t͡s/ ~ /s/	/t͡ʃ/ ~ /ʃ/			
Soantes	[- contínuas]	/ ^m b/	/ ⁿ d/		/ ^ŋ g/	/ ^ŋ g ^w /	
	[+ contínuas]	/v/	/r/	/j/	/w/		/h/

Fonte: Ivo (2018)

A partir desse sistema, apresentaremos uma interpretação para os ajustes dos empréstimos do espanhol incorporados na língua Guarani falada no Brasil:

5.1 Empréstimo *caballo* ‘cavalo’

Na língua espanhola, o dígrafo “ll” na palavra *caballo* pode ser pronunciado de maneiras distintas pelos falantes nativos, dependendo da região à qual pertencem. Conforme o *Diccionario Panhispánico de Dudas*, a pronúncia mais difundida é o yeísmo, que consiste em uma alteração fonética em que a letra “ye” (y) /j/ ([j]~[j̄]~[j̄j]~[d̄ʒ]~[ʒ]~[ʝ]) e o dígrafo “elle” ou duplo “le” (ll) /ʎ/ são pronunciados de maneira idêntica. Assim, um falante yeista pronunciaria a palavra “caballo” como [ka'βað̄ʒo], “llama” como [l̄d̄ʒama] e “conyuge” como [kon'ð̄ʒuxe]. Em outras palavras, trata-se de um processo fonológico que resulta na fusão de dois fonemas originalmente distintos, mediante a deslateralização de um deles. Em contraposição, o termo “lleísmo” é utilizado para descrever tanto a manutenção dessa distinção, quanto a pronúncia de ambas as letras como lateral palatal /ʎ/. No entanto, vale ressaltar que esta última ocorrência é pouco comum.

O yeísmo está disseminado em amplas áreas da Espanha e da América, e embora ainda existam lugares onde persista a distinção na pronúncia de “ll” e “y”, é praticamente generalizado entre os jovens, inclusive aqueles das regiões tradicionalmente distintas. Sua presença em amplas áreas, assim como sua crescente expansão, torna o yeísmo um fenômeno aceito na norma culta (Cf. Ramos-González, 2023).

Em uma parte da Espanha e América Latina, que podemos chamar de distintiva, pronuncia-se tanto “ll” quanto “y”; enquanto em outra, de maior extensão, não há essa distinção,

mas ocorre a fusão dos dois sons aproximantes palatais (a semivogal palatal /j/ a fricativa /y/, representada por "y", e a lateral /ʎ/ ou /ʝ/ ou /j/, representada por "ll"). Além disso, o som unificado é pronunciado de maneiras diferentes (como "rehilamiento" /ʒ/, ensurdecimento /ʃ/, e algumas formas com o "y", dependendo da zona e do dialeto que tenha influência).

Ao fazer a análise do empréstimo *caballo*, podemos perceber que as parcialidades Kaiowá (KW), Nhandeva (NV) e Mbyá (MB) realizam a africada palatal /d͡ʒ/, portanto a pronúncia desse empréstimo por essa variedade s é [kava¹d͡ʒu]. Podemos inferir que, tal ajuste fonético esteja influenciado pela proximidade dessas comunidades com a fronteira paraguaia, cuja pronúncia de /y/ e /ll/ se caracteriza pelo yeísmo. Por sua vez, a variedade Nhandewa (NW), que não tem tal proximidade, no lugar da africada palatal /d͡ʒ/, realiza o tepe alveolar /t/: [kava¹ru]. Além disso, podemos observar que as quatro parcialidades realizam o ajuste fonético da oclusiva bilabial /b/, inexistente em seus sistemas fonológicos, para a aproximante labiodental /v/, um som que também envolve os lábios em sua produção.

Quanto à realização da vogal posterior alta /u/ no lugar da vogal posterior média /o/ presente em *caballo*, podemos deduzir que as quatro parcialidades fazem esse ajuste fonético, pois é comum que /u/ ocorra em sílabas tônicas e /o/ ocorra eventualmente em sílabas pré-tônicas.

Na perspectiva fonológica, podemos citar o padrão acentual da língua Guaraní que, de acordo com Ivo (no prelo), predominantemente recai na última sílaba, por exemplo, em dados como *jety* [d͡ʒɛ¹ti] ‘batata-doce’, *taguato* [tag¹a¹tɔ] ‘gavião’ etc. Nos empréstimos do espanhol, com poucas exceções (verificadas nas variedades do Mato Grosso do Sul), o padrão acentual da língua indígena é mantido, o que faz com que as palavras estrangeiras, paroxítonas, sejam interpretadas como oxítonas: [kava¹ru], [kava¹d͡ʒu].

5.2 Empréstimo *calzón* ‘calça’

No que se refere ao termo lexical *calzón*, a pronúncia da letra "z" pode variar de acordo com a região. Os falantes nativos da Espanha, que seguem a pronúncia *ceceante* ou distintiva, realizam o "z" como a fricativa surda [θ]. Por outro lado, os falantes da América Latina, que seguem a pronúncia *seseante*, realizam o "z" como a fricativa sonora [s].

As parcialidades Kaiowá (KW) e Nhandeva (NV) apresentam duas fricativas: a alveolar surda /s/ e a alveopalatal surda /ʃ/. Portanto, ao incorporarem o empréstimo *calzón* em seu

quadro lexical, o realizam utilizando a fricativa surda /s/, resultando na pronúncia [kã^hsõ]. Já a variedade Mbyá (MB) não produz nenhuma dessas fricativas. Assim, na produção do empréstimo lexical *calzón*, ocorre um ajuste fonético de [s] para [t̂s] ~ [t̂j], resultando na pronúncia [kã^ht̂sõ] ~ [kã^ht̂jõ]. Quanto à variedade Nhandewa (NW), não foram obtidos dados sobre esse empréstimo. Além desses ajustes, conforme evidenciado, nenhuma das quatro parcialidades realiza a lateral alveolar /l/, resultando na ausência desse fonema nas realizações do empréstimo *calzón* na língua Guarani.

Outro ajuste feito pelas três parcialidades é em relação à vogal final, que eventualmente ocorre em sílabas pré-tônicas e é interpretada como /ɔ/. Adicionalmente, apesar das três parcialidades apresentarem a elisão de /n/ na realização do empréstimo em questão. A nasalização é mantida na vogal precedente, mantendo o processo de harmonia nasal muito produtivo na língua.

5.3 Empréstimo camisa

Na língua Guarani, como destacado nos capítulos anteriores (vide quadro 3 acima), apenas as variedades Kaiowá (KW) e Nhandeva (NV) produzem duas fricativas, a fricativa alveolar surda /s/ e a fricativa alveopalatal surda /ʃ/. Em contraste, as variedades Mbyá (MB) e Nhandewa (NW) não apresentam nenhuma dessas fricativas. Ao considerar o empréstimo lexical *camisa*, observamos o ajuste fonético de [s] < [t̂s], resultando na pronúncia [kãmĩ^htsã]. Por outro lado, nas parcialidades Kaiowá (KW) e Nhandeva (NV), esse mesmo item lexical pode ser pronunciado de duas maneiras: [kãmĩ^htsã] ~ [kã^mbĩ^hsa]. Na última realização, ocorre o ajuste de [m] > [m^b], utilizando-se a pré-nasal /m^b/por ser seguida por uma vogal oral.

Do ponto de vista fonológico, alguns traços são transferidos. O acento desloca-se para a última sílaba, transformando a palavra em uma oxítone. Além disso, as vogais que antecedem e seguem a nasal /m/ são nasalizadas pelo processo de harmonia nasal existente na língua, evidenciando a assimilação da nasalidade.

5.4 Empréstimo canoa

No contexto do empréstimo da palavra *canoa*, as variedades Guarani-Mbyá (MB) e Nhandewa (NW) incorporam essa expressão de maneira notavelmente semelhante à adotada pelos hispano-falantes, dispensando ajustes fonéticos, uma vez que todos os fonemas presentes no empréstimo estão contemplados no sistema fonético das parcialidades mencionadas:

[kanõ¹ã]. Por outro lado, não há dados disponíveis sobre esse empréstimo nas variedades Nhandewa (NW) e Kaiowá (KW). Sob uma perspectiva fonológica, destaca-se a mudança do acento para a última sílaba, conferindo à palavra uma natureza oxítona. Adicionalmente, as vogais que antecedem a nasal /n/ e a vogal tônica passam por nasalização, em conformidade com o processo intrínseco de harmonia nasal na língua, evidenciando a assimilação da nasalidade.

5.5 Empréstimo *cuchara* ‘colher’

De acordo com Ivo (no prelo), nas produções do empréstimo lexical do espanhol *cuchara*, os falantes das parcialidades Kaiowá (KW) e Nhandewa (NV) articulam a fricativa alveopalatal não vozeada /ʃ/, resultando na pronúncia [ku¹ʃara]. No Mbyá (MB) e no Nhandewa (NW), entretanto, observa-se que o mesmo termo é produzido com a africada [tʃ], resultando em [ku¹tʃa]. Adicionalmente, do ponto de vista fonológico, ocorre outro ajuste, uma vez que a sílaba tônica predominante nessas variedades é a última, observa-se a elisão da sílaba final do empréstimo.

É importante ressaltar que, de acordo com Ivo (no prelo), enquanto os Mbyá (MB) e Nhandewa (NW) interpretam os sons fricativos do empréstimo como africadas, uma vez que, em seus sistemas fonológicos, as obstruintes [+estridentes] são representadas pelos fonemas /ts/ e /tʃ/, na organização fonológica dos Nhandewa e Kaiowá, por sua vez, /s/ e /ʃ/ desempenham esse papel. Assim, apesar das diferenças na produção fonética, a função fonológica é precisamente a mesma para as quatro parcialidades.

5.6 Empréstimo *gallo* ‘galo’

No contexto do empréstimo da palavra *gallo*, Ivo (em prelo) coletou dados exclusivamente das parcialidades MB e NV. Nas parcialidades KW e NW, os falantes afirmaram não estar familiarizados com essa palavra. Ao incorporarem o termo *gallo*, em seu vocabulário, as parcialidades MB e NV realizam a africada sonora /dʒ/, característica associada à pronúncia dos hispano-falantes *yeístas*. Vale destacar que a pronúncia das comunidades MB e NV pode ser influenciada pela proximidade geográfica com o espanhol do Paraguai, que também é yeísta.

Observa-se também o ajuste de /o/ para [u], possível reflexo do contato do português, resultando em [¹gaḍ³zu] pelas MB e NV. Além dessas adaptações, do ponto de vista fonológico,

é notável que, de maneira excepcional, o acento do empréstimo foi preservado, conferindo à palavra uma natureza paroxítona.

5.7 Empréstimo gorra ‘boné’

A língua Guarani apresenta uma distinção de fonemas pré-nasalizados, como /^mb/, /ⁿd/, /^ŋg/ e /^ŋg^w/. Ivo (no prelo), destaca que em algumas análises, os fonemas pré-nasais velares /^ŋg/ e /^ŋg^w/ são considerados separadamente de /^mb/ e /ⁿd/, sugerindo a existência de duas classes distintas: uma composta por /^mb/ e /ⁿd/, e outra por /^ŋg/ e /^ŋg^w/.

De acordo com Costa (2007), a justificativa para a separação de /^ŋg/ e /^ŋg^w/ reside no fato de esses sons não ocorrerem em posição inicial da palavra, sendo tratados apenas como resultado de processos morfofonológicos. Costa (2007) destaca tal processo morfofonológico em exemplos como [pẽ'ti] 'fumo' + {-k^wa} 'buraco' = [pẽ,tĩ^ŋg^wa] 'cachimbo', onde a nasalidade da raiz sonoriza e pré-nasaliza a primeira consoante do segundo elemento da composição. No entanto, é importante reconhecer que os fonemas /^ŋg/ e /^ŋg^w/ pertencem à mesma classe de sons pré-nasalizados: ^mb/, ⁿd/ e /^ŋg/, /^ŋg^w/ ocorrendo em posições diversas, embora, em algumas ocasiões, resultem de processos morfofonológicos. Destaca-se que esses fonemas podem ocorrer em posição inicial, embora sejam menos frequentes nessa posição, como evidenciado nos exemplos a seguir:

- | | |
|---------------|-------------------------|
| 1. [ʎgɔ'ra] | ‘boné’ |
| 2. [ʎgu'u] | ‘o próprio pai dele(a)’ |
| 3. [ãʎgu'dʒa] | ‘rato’ |
| 4. [ãʎguã] | ‘propósito’ |
| 5. [ãʎgɛ] | ‘hoje’ |

No empréstimo da palavra *gorra*, realizado pelas parcialidades MB e NW, observa-se o ajuste da oclusiva velar sonora /g/, interpretada como a pré-nasalizada velar /^ŋg/, aparecendo em posição inicial: [ŋgɔ'ra]. Além deste ajuste, a vogal /o/, que eventualmente ocorre em sílabas pré-tônicas, é interpretada na língua Guarani como /ɔ/. Outro ajuste evidenciado é o fato do tepe alveolar [r] ser realizado em lugar da vibrante múltipla alveolar /r/. Por fim, destaca-se que o acento é posicionado na última sílaba, sendo essa a posição acentual predominante nas parcialidades estudadas.

5.8 Empréstimo *hacha* ‘machado’

Na língua Guarani, somente as parcialidades MB e NW, como visto no quadro 3, realizam a africada palatal não vozeada /tʃ/. Por tanto, ao incorporarem o empréstimo *hacha* no seu sistema lexical, realizam a pronúncia [atʃa] ~ [haʔtʃa]. Em contraste, a parcialidade NV, que realiza as fricativas alveolar surda /s/ e a alveopalatal surda /ʃ/, e não realiza a africada palatal surda [tʃ] fazendo o ajuste fonético de [tʃ] > [ʃ], resultando em [ˈhafa].

Por outro lado, é interessante a realização da fricativa glotal /h/ em algumas realizações feitas pelos MB. De acordo com Ivo (2018), a fricativa glotal [h] tem um comportamento próprio a cada parcialidade. A parcialidade MB, por exemplo, produz a fricativa glotal [h] em sílabas pré-tônicas como no empréstimo em questão e por exemplo em [hoʔvi] ‘azul’, ‘verde’, alternando, em alguns momentos, com o apagamento desse som nessa mesma posição: [oʔvi] ‘azul’, ‘verde’. Em contraste, os NV e o KW produzem a fricativa glotal não vozeada [h] em sílabas pré-tônicas e tônicas: [hoʔvi] ‘azul’, ‘verde’, [kʷ araʔhi] ‘sol’.

Do ponto de vista fonológico, nas realizações do empréstimo *hacha* pelas parcialidades (MB) e (NW), o acento desloca-se para a última sílaba: [haʔtsa] ~ [haʔtʃa], transformando a palavra em uma oxítone. Em contraste e de maneira pouco comum, na parcialidade NV o acento do empréstimo foi preservado, matendo-se paroxítone. Para a análise deste empréstimo não se contou com dados da parcialidade KW.

5.9 Empréstimo *jabón* ‘sabão’

No empréstimo *jabón*, as parcialidades MB e NW interpretam a fricativa velar surda /x/ como uma oclusiva dorsal /k/, resultando em [kaʔvõ]. No entanto, os NV e KW realizam alternadamente a oclusiva dorsal /k/ e a fricativa velar surda [x], resultando em uma produção mais próxima do espanhol: [xaʔvõ].

Por sua vez, a parcialidade NW interpreta a fricativa velar surda /x/ como uma africada palatal não vozeada /tʃ/, resultando em: [tʃãʔvõ]. Adicionalmente, as quatro parcialidades realizam o ajuste da oclusiva labial /b/ para a aproximante labiodental /v/, uma vez que nenhuma das quatro parcialidades do Guarani falado no Brasil articula a oclusiva labial /b/. Outro ajuste comum às quatro parcialidades é a queda da nasal alveolar /n/, embora a nasalização seja mantida, uma produção da vogal tônica final /õ/, processo muito similar à língua Guarani. Da

mesma forma, o acento do empréstimo *jabón* é mantido na língua Guaraní, conferindo à palavra a natureza oxítônica.

5.10 Empréstimo *melón* ‘melão’

Como podemos verificar no inventário fonológico da língua Guaraní falada no Brasil (conferir quadro 3), nenhuma das quatro parcialidades KW, MB, NV e NW articula a lateral vozeada /l/. Portanto, das 4 parcialidades, temos dados do empréstimo realizado pelos KW e pelos MB, os quais realizam o ajuste da lateral vozeada [l] para o tepe alveolar [r].

De acordo com Ivo (2018), as quatro parcialidades operam com o tepe alveolar [r], presente no ataque de sílabas iniciais, mediais e finais, antes de segmentos vocálicos orais e nasais ou nasalizados, em sílabas tônicas e pré-tônicas. Em ambientes com espalhamento de nasalidade, o tepe alveolar é produzido com nasalização, como podemos observar no empréstimo analisado: [me^hĩõ]. Além disso, observa-se a elisão da nasal alveolar /n/ e a produção da vogal nasal baixa /õ/, um ajuste de abaixamento. Finalmente, o acento na última sílaba é mantido na língua Guaraní, conferindo à palavra uma natureza oxítônica.

5.11 Empréstimo *naranja* ‘laranja’

De acordo com Ivo (no prelo), foi observada a produção da fricativa velar não vozeada /x/ em empréstimos do espanhol, tais como [ˈsɔxa] *soja*, [xãˈbõ] *jabón*, e [nãˈrãxa] *naranja*, pelas parcialidades KW e NV. Em contraste, as parcialidades MB e NW, ao incorporarem o empréstimo *naranja*, não articulam o som fricativo na sílaba final, resultando na pronúncia [naˈrã]. Isso ocorre porque essas parcialidades geralmente não produzem palavras paroxítonas. Seguindo o padrão silábico mais comum da língua, esse processo de empréstimo lexical resulta na produção de palavras oxítonas, como [naˈrã] ‘*naranja*’ ‘laranja’.

Esse padrão de silabificação em empréstimos do espanhol é corroborado por Cerno (2013: 72) no Guaraní Correntino, onde os empréstimos espanhóis se ajustam às regras de silabificação Guaraní, dependendo do grau de integração na língua, como, por exemplo, esp. *botón* > gua. **botõ** e esp. *cruz* > gua. **kurusu**.

Com a elisão da sílaba final, ademais da não realização da fricativa velar não vozeada [x], também podemos observar a não realização da nasal alveolar [n] em posição pretônica. No entanto, como observado em outros empréstimos analisados, a nasalidade é mantida na vogal da sílaba tônica: [naˈrã].

5.12 Empréstimo sandía ‘melancia’

De acordo com Ivo (no prelo), a análise acústica dos dados em sua tese revelou que nos mesmos contextos em que as parcialidades Nhandewa NV e Kaiowá KW ajustam a fricativa alveolar surda /s/ e a fricativa alveopalatal surda /ʃ/, as parcialidades Mbyá MB e Nhandewa NW realizam, respectivamente, a africada alveolar surda /t͡s/ e a africada alveopalatal surda /t͡ʃ/.

Esse ajuste entre fricativas e africadas é evidenciado na incorporação do empréstimo *sandía*, onde os dados coletados nas parcialidades apresentam adaptações variadas. Por exemplo, as parcialidades Mbyá MB e Nhandewa NW realizam a adaptação de [s] para [t], resultando na pronúncia [t͡sãⁿd͡ʒa^w] e [t͡sãⁿdiã], respectivamente. Isso ocorre devido à ausência da alveolar surda /s/ nessas parcialidades, como discutido anteriormente. Por sua vez, os dados coletados por Ivo (em prelo) na parcialidade Kaiowá KW e Nhandewa NV mostram que essa comunidade realiza a pronúncia mais próxima do espanhol: [sãⁿdiã].

Outro ajuste notável é a pré-nasalização presente nas três realizações mencionadas, onde as parcialidades Nhandewa NW e Kaiowá KW ajustam [n] e [d] para [ṇd]: [t͡sã^{ṇ}di^a], [sã^{ṇ}diã]. Enquanto isso, as parcialidades Mbyá MB realizam o ajuste para [ṇʒ]: [t͡sã^{ṇ}d͡ʒa^w].

Como já afirmado, de acordo com Ivo (em prelo), no padrão acentual na língua Guarani o acento recai predominantemente na última sílaba. Nos empréstimos do espanhol, com poucas exceções, o padrão acentual da língua indígena é mantido, fazendo com que as palavras estrangeiras, paroxítonas, como *sandía*, sejam interpretadas como oxítonas:

- <i>Sandía:</i>	Xanjau	[t͡sã ^{ṇ} d͡ʒa ^w]	'melancia' (MB)
	Xandiá	[t͡sã ^{ṇ} di ^a]	'melancia' (NW)

No entanto, Ivo (no prelo) observou que em alguns empréstimos, enquanto os MB e NW marcam o acento na última sílaba, as parcialidades do Mato Grosso do Sul, como os KW, o mantêm na penúltima sílaba, em alguns dados. Esse fenômeno pode ser explicado pelo contato próximo dessas parcialidades com o espanhol e o Guarani do Paraguai. Observemos a realização feita pelos KW:

- <i>Sandía:</i>	Sandía	[sã ^{ṇ} diã]	'melancia' (KW)
------------------	--------	------------------------	-----------------

5.13 Empréstimo soja ‘soja’

No contexto do empréstimo da palavra *soja*, observamos que as parciais Nhandeva (NV) e Kaiowá (KW) incorporam o novo termo realizando a fricativa velar não vozeada /x/. Além disso, ajustaram [o] > [ɔ], resultando na pronúncia [ˈsɔxa]. É importante ressaltar que, conforme indicado por Ivo (2018), a fricativa velar não vozeada /x/ é produzida exclusivamente pelos Nhandeva e Kaiowá do Mato Grosso do Sul em empréstimos do espanhol. Observemos outros exemplos:

- *Naranja*: [nãˈrãxa]
- *Jabón*: [xãˈbõ]

Nos empréstimos do espanhol, com poucas exceções, o padrão acentual da língua indígena é preservado, levando as palavras estrangeiras, geralmente paroxítonas, a serem interpretadas como oxítonas. No caso do empréstimo "soja", o padrão da língua espanhola foi mantido: [ˈsɔxa], conferindo à palavra uma natureza paroxítona. Importante notar que não foram disponibilizados dados para análise das parciais (MB) e (NW).

5.14 Empréstimo zapato ‘sapato’

Na língua espanhola, a letra “z” na palavra *zapato* pode ser pronunciada de maneiras distintas pelos falantes nativos, dependendo da região à qual pertencem. Conforme o *Diccionario Panhispánico de Dudas*, na Espanha encontramos três diferentes realizações: o *ceceo*, o *seseo* e a *distinção*. O *ceceo*, implica nos fonemas do espanhol peninsular /s/ y /θ/, o *seseo*, no som de ‘z’ em espanhol peninsular setentrional. Assim, um falante *ceceante* pronunciará a palavra "casa" como [ˈkaθa], "sermón" como [θermˈon], e "persona" como [perˈθona]. O *ceceo* é um fenômeno dialetal próprio de algumas áreas do sul da Espanha peninsular e está muito menos difundido que o *seseo*, o qual consiste em uma variação fonológica da língua espanhola (e também do idioma galego) pela qual os fonemas /s/ e /θ/, representados pelas grafias 'c' (antes de e ou i), 'z' e 's', não são distinguíveis, assemelhando-se ao som da consoante fricativa alveolar surda [s]. Assim, um falante *seseante* articulará "cereza" como [seˈresa], "cierto" como [ˈsjerto] ou "zapato" como [saˈpato].

O *seseo* é comum em toda a Hispanoamérica e, na Espanha, ocorre nas Canárias e em parte da Andaluzia, além de se manifestar em alguns pontos de Murcia e Badajoz. Também existe *seseo* entre as classes populares de Valencia, Catalunha, Mallorca e País Basco, quando falam espanhol, e também ocorre em algumas áreas rurais da Galícia. O *seseo* meridional espanhol (andaluz e canário) e o hispanoamericano são totalmente aceitos na norma culta. Adicionalmente, existe também a distinção entre [s] e [θ] em lugares como Andaluzia, o que resulta na articulação *cereza* como [ze'reza] e casa como ['kasa]. Adicionalmente, existe também a distinção entre /s/ e /θ/ em lugares como Andaluzia, o que resulta na articulação *cereza* como [θe'reθa] e casa como ['kasa].

No contexto do empréstimo *zapato*, encontramos que as parciais MB e NW, (vide quadro 3) não articulam a fricativa alveolar surda [s] nem a fricativa dental surda [θ], portanto, ao adotarem o termo *zapato*, precisam fazer o ajuste de [s] > [ts̃], realizando: [ts̃apa'tu].

Assim mesmo, as duas parciais em questão interpretam a vogal [o] como [u] por ser esta última vogal mais comum de ocorrer em sílabas tónicas e pretónicas. Além disso, o padrão acentual da língua Guaraní é preservado, conferindo ao empréstimo a natureza oxítônica em contraste com o acento paroxítono próprio do espanhol. Importante notar que não foram disponibilizados dados para análise das parciais KW e NV.

Abaixo, algumas sistematizações dos ajustes fonéticos e transferências fonológicas dos 14 empréstimos:

Quadro 13 – Análise dos Empréstimos

	<i>caballo</i> cavalo	<i>calzón</i> calça	<i>camisa</i> camisa	<i>canoa</i> canoa	<i>cuchara</i> colher	<i>gallo</i> galo	<i>gorra</i> boné	<i>hacha</i> machado	<i>jabón</i> sabão	<i>melón</i> melão	<i>naranja</i> laranja	<i>sandía</i> melancia	<i>soja</i> soya	<i>zapato</i> sapato
EMPRÉSTIMOS	[kava'dʒu] MB/KW/NV	[ká'sõ] KW/ NV	[kãmi'sã] ~ [kãmbi'sa] KW/ NV	[kanõ'ã] MB/ NW	[ku'jara] KW/NV	['gadʒu] MB/NV	['gõr'a] MB/NW	[a'tʃa]~[ha'tʃa] MB/NW	[xa'võ]~[ka'võ] NV/ KW MB	[me'ĩõ] KW/ MB	[na'rã] MB/NW	[tsã'ndʒaw] MB	['sõxa] KW/NV	[tsapa'tu] MB/NW
	[kava'ru] NW	[ká'tsõ] ~ [ká'tʃõ] MB	[kãmĩ'tsã] MB/NW		[ku'tʃa] MB/NW			['hafa] NV	[tsa'võ] NW		[nã'rãxa] KW/ NV	[tsãndi'a] NW		
Yeísmo	x					x								
Manutenção do padrão acentual Guarani	x		x	x	x		x	x (MB/NW)			x (MB/NW)	x (NW)		x (MB/NW)
Manutenção da fricativa velar /x/									x (NV/ KW)		x (NV/ KW)		x (NV/ KW)	
/l/ > /r/										x (MB/NW)				
/dʒ/ > /t/	x (MB/KW/NV)													
/b/ > /v/	x								x					
/x/ > /k/									x (MB/NW)					
/x/ > /ts/									x (NW)					
Apagamento da nasal alveolar /n/ em final de palavra		x							x	x				

/o/ > /u/						x (MB/NV)								
[o] > [õ]		x								x				
h/ em sílabas tônicas e pré- tônicas								x (MB/NV/KW)						
/r~/ > /r/							x							
/g/ > / ^h g/							x							
/s/ > /s̃/		x	x									x (MB/NW)		
/s/ > /tʃ/		x			x									x
/s/ > /ʃ/					x									
/tʃ/ > /ʃ/								x (KW, NV)						
Harmonia Nasal		x	x	x						x	x	x		
/m/ > / ^m b]			x											
Elisão da sílaba final do empréstimo					x					x	x			

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação linguística entre o espanhol e o Guarani, no contexto dos empréstimos, revela ajustes fonéticos e transferências fonológicas fascinantes. Ao explorar exemplos específicos desse intercâmbio lexical, compreendemos como as palavras importadas são adaptadas nas quatro parciaisidades do Guarani falado no Brasil: *Kaiowá*, *Nhandeva*, *Nhandewa* e *Mbyá*.

Cada empréstimo é uma narrativa fonética que reflete as características linguísticas regionais, proporcionando uma visão única sobre a dinâmica linguística e cultural. Analisamos alguns desses empréstimos, destacando as nuances fonéticas e fonológicas na assimilação desses termos estrangeiros. A análise revela as adaptações fonéticas pelas comunidades Guarani e transferências fonológicas, mostrando a riqueza desse processo de interação linguística.

Foram escolhidas 14 palavras de origem espanhola no Guarani, a partir dos dados de Ivo (2014 e 2018), que descreveu acusticamente as variedades do Guarani no Brasil. A interpretação abrange os níveis fonético-fonológico e morfossintático do espanhol falado pelos Guarani. Inicialmente, as palavras foram analisadas pela Fonética, compreendendo suas características sonoras e fonéticas. Posteriormente, interpretamos essas palavras à luz do princípio das classes naturais e da teoria dos traços da escola linguística de Praga. A análise evidencia os ajustes feitos pela língua Guarani ao incorporar essas palavras, revelando como se integram e adaptam às características fonológicas e estruturais do Guarani.

Com o objetivo de identificar, analisar e descrever como a língua Guarani incorporou, interpretou e recontextualizou o léxico do espanhol em sua própria fala, o presente trabalho delineou o seguinte percurso: iniciamos apresentando brevemente a história do contato entre o povo Guarani e os colonizadores Espanhóis. Em seguida, abordamos mais especificamente a origem e a história do povo Guarani que habita o território brasileiro, explorando o estabelecimento de alianças sociais e políticas entre os espanhóis e os Guarani, os anos nas reduções jesuíticas até o estabelecimento das parciaisidades no Brasil. Após este percurso histórico, apresentamos o inventário fonético e a descrição fonológica das parciaisidades Mbyá (MB), *Kaiowá* (KW), *Nhandeva* (NV) e *Nhandewa* (NW), a nossa base e ponto de partida para a análise dos 14 empréstimos do espanhol que compõem nosso *corpus*.

A análise dos empréstimos do espanhol para a língua Guarani revela uma série de ajustes fonéticos e transferências fonológicas realizados pelas diferentes parciaisidades, evidenciando a influência das características linguísticas de cada grupo e suas interações geográficas e

históricas. A diversidade linguística e os diferentes contatos culturais moldam as adaptações que as parcialidades Guaraní fazem para incorporar os termos estrangeiros. Ao incorporar o léxico do espanhol, a língua Guaraní ajusta a pronúncia, pronunciando os sons de modo mais próximo ao seu inventário. O fenômeno do yeísmo, por exemplo, é perceptível em diversas parcialidades, refletindo a tendência de pronunciar "ll" e "y" da mesma forma, como é comum em amplas áreas da Espanha e da América. Esse fenômeno é particularmente notado nas parcialidades *Kaiowá*, *Nhandeva* e *Mbyá*, devido à influência e proximidade com a fronteira paraguaia.

De igual modo, o funcionamento fonológico é transferido não apenas no nível segmental, mas também no nível da sílaba e dos acentos. A variação na realização das fricativas e africadas também é evidente, como na adaptação do termo "cuchara", onde as parcialidades apresentam diferentes realizações, mantendo, no entanto, a função fonológica equivalente. Esse fenômeno reflete as particularidades fonológicas de cada parcialidade, demonstrando como diferentes sistemas fonéticos são adaptados para incorporar novos termos.

A manutenção do padrão acentual predominante na língua Guaraní, que recai geralmente na última sílaba, é observada em vários empréstimos, destacando a influência da língua materna na prosódia das palavras estrangeiras. É interessante notar que algumas parcialidades apresentam maior conservação fonética, mantendo o acento nas sílabas finais, enquanto outras, possivelmente influenciadas por contato mais próximo com o espanhol, adotam padrões acentuais mais próximos da língua estrangeira. Importante ressaltar que a análise foi conduzida à luz da língua Guaraní e não da língua Europeia. Caso fosse feita sob a perspectiva desta última, o estudo se concentraria em apontar o que falta nos empréstimos, ao invés de destacar os ajustes realizados pela língua Guaraní.

Por fim, a complexidade das adaptações fonéticas e fonológicas nas parcialidades Guaraní ao incorporarem empréstimos do espanhol destaca a diversidade linguística e cultural que molda essas transformações. Esta análise fornece insights (percepções) valiosos sobre as dinâmicas de contato linguístico e as estratégias de adaptação em contextos multilíngues.

REFERÊNCIAS

ABA (Associação Brasileira de Antropologia) 1957. Anais da 2ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada de 3 a 8 de julho de 1955 na cidade do Salvador, Estado da Bahia, Brasil. Bahia: S.A. Artes Gráficas. Disponível em: <http://www.aba.abant.org.br/conteudo/ANAIS/ABA%20-%20Anais%20da%20II%20RBA>. PDF

ASTRAIN, Antônio. S. I. **Jesuitas, guaraníes y encomenderos: história de la Compañía de Jesús en el Paraguay**. 2ª ed. Assunción de Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos Antônio Guasch, 1995.

BARBOSA, Plínio A.; MADUREIRA, Sandra. **Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português**. São Paulo: Cortez, 2015.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. PRAAT SOFTWARE. version 6.0.28. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>. Acesso em: 15 julho, 2017.

BOIDIN, Capucine. **Jopara: una vertiente sol y sombra del mestizaje**: Jopara : una vertiente sol y somba del mestizaje. Munster, 2005.

CALVET, Louse-Jean. **Sociolinguística: una introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. 160 p.

CERNO, Leonardo. **El Guaraní Correntino: fonologia, gramática, textos.**: Frankfurt: Peter Lang, 2013.

COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. **Apyngwa Rupigwa: nasalização em NhandewaGuarani**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Estudos da

Linguagem, 2007. Tese de Doutorado.

_____. **Nhandewa Aywu: fonologia do Nhandewa-Guarani**. Campinas: Curt Nimeundajú; Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb, 2010.

DUSSEL, E. 1942 - **El encubrimiento del Outro: hacia el origen del "mito de la Modernidad"**. La Paz: Plural, 1994.

EDELWEISS, Frederico G. **Tupis e Guaranis: estudos de etnonímia e linguística**. Publicações do Museu da Bahia, nº7. Bahia: Secretaria de Educação e Saúde, 1947.

GADELHA, Regina Maria A. **As Missões Jesuíticas do Itatim: um estudo das estruturas sócio-econômicas coloniais do Paraguai (Séculos XVI e XVII)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUTIERREZ, Ramón. **The Jesuit Guarani Missions/Les Missions Jesuites des Guaranies**. UNESCO: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro/RJ, 1987.

GRÜNBERG, Georg. **El mapa Guaraní Retã 2008**: una reconstitución simbólica del territorio guaraní. Rosário/Argentina: Fórum de Rosário, 2012.

HYMAN, L. **Phonological Theory and Analysis**. New York: Holt Rinehart Winston, 1975.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas no Brasil: 2011-2016**. São Paulo: ISA, 2017. Editores Gerais: Beto Ricardo e Fany Ricardo.

IVO, Ivana Pereira. **Características fonéticas e fonologia do Guaraní no Brasil**. 2018, Tese (Doutorado em Linguística) -Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

_____. **Características fonéticas e estatuto fonológico de fricativas e africadas no Guaraní-Mbyá**. 2014, Dissertação (Mestrado em Linguística) -Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

_____. O encontro da língua Guaraní com o espanhol e com o português: ajustes fonéticos e transferências fonológicas em dados do contato linguístico (no prelo)

JAKOBSON, Roman; FANT, Gunnar; HALLE, Morris. **Preliminaries to speech analysis**. Cambridge, MA: MIT Press, 1952.

JAKOBSON, R. Para a Estrutura do Fonema. *In: Fonema e Fonologia - ensaios*. Seleção, tradução e notas Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972 [1932].

_____. Sobre a identificação das unidades fônicas. *In: Fonema e Fonologia - ensaios*. Seleção, tradução e notas Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972 [1949].

_____. Observações sobre a classificação fonológica das consoantes. **Fonema e Fonologia - ensaios**. Seleção, tradução e notas Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, [1938], 1972.

KALLFELL, Guido. **¿Cómo hablan los paraguayos, con dos lenguas?**: *In: Reflexiones teóricas básicas sobre la esencia del jopara*. Ceaduc: Asunción, 2016

MELIÀ, Bartomeu. **La lengua Guaraní del Paraguay**: Historia, sociedad y literatura. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

_____. **La tercera lengua del Paraguay y otros ensayos**. Colección Academia Paraguaya de la Lengua Española. Tomo V. Servilibro: Asunción, 2013.

MONTEIRO, John Manuel. Os Guaraní e a história do Brasil meridional: séculos XVIXVII. *In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.) História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, p. 475-498,1992.

MÜLLER, Nelci. **Guaraní e jesuíta**: romance e história. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2012.

NIMUENDAJÚ, Curt Unkel. **As lendas da criação e a destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapokúva-Guarani**. Tradução Charlotte Emmerich e Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

PALACIOS, A. **Lenguas en Contacto en Paraguay: Español y Guaraní**: Ferrero Pino, C. y N. Lasso-von Lan, Variedades lingüísticas y lenguas en contacto en el mundo de habla hispana. Books Library, Bloomington, 2005.

PEREIRA, Levi Marques. **Parentesco e Organização Social Kaiowá**. 1999. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

RAMOS GONZÁLEZ, N. M. **Yeísmo para no yeístas: “¿Lluvia o yuvia?”**. **La duda del estudiante italiano**. Disponível em: <<https://www.educacionyfp.gob.es/dam/jcr:74ba2fc9-9634-4037-957e-8bf26ec73683/2007-esp-12-39ramos-pdf.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

REETZ, H.; JONGMAN, A. **Phonetics: Transcription, production, acoustics, and perception**. Chichester, UK - Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Fonética Histórica Tupi Guarani. Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani. **Arquivos do Museu Paranaense**, vol. IV, p. 333-354. Curitiba, 1945. Disponível em: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Coleção Aryon Rodrigues. <http://biblio.etnolinguistica.org/aryon>.

SCHADEN, Egon. **Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani**. 3ª ed. São Paulo: EDU/EDUSP, 1974.

SILVA, André Luis Freitas da. **Reduções Jesuítico-Guarani**: espaço de diversidade étnica. Dourados, MS: UFGD, 2011. Dissertação de Mestrado.

TRUBETZKOY, Nikolay. **Principios de Fonología**. Traducción de Dellia Garcia Giordano con la colaboración de Luis J. Prieto. Madrid: Editorial Cincel, [1939] 1973.